



VNiVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA
GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS
Trabajo de Fin de Grado

Contribuição para o estudo da Paisagem
Linguística em Curitiba: o Calçadão da XV

Autor: Javier Badiola González

Tutora: Ana María García Martín

Salamanca, 2022



VNiVERSIDAD
DSALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA
GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS
Trabajo de Fin de Grado

Contribuição para o estudo da Paisagem
Linguística em Curitiba: o Calçadão da XV

Autor: Javier Badiola González

Firma

Tutora: Ana María García Martín

VºBº

Firma

SUMÁRIO

1 Introdução.....	6
2 A Paisagem Linguística: campo de estudos e metodologia.....	7
2.1 O conceito de Paisagem Linguística e os diversos enfoques.....	7
2.2 Pesquisas prévias sobre o Brasil.....	11
2.3 Aspectos metodológicos dos estudos de Paisagem Linguística.....	14
2.4 Metodologia da presente pesquisa.....	18
3 Paisagem Linguística em Curitiba: justificativa.....	23
3.1 Situação linguística no Brasil.....	23
3.2 A cidade objeto da pesquisa: Curitiba.....	27
3.2.1 Etimologia e história.....	27
3.2.2 Curitiba na atualidade.....	32
3.2.3 O Calçadão da XV.....	34
4 Discussão dos dados.....	38
5 Conclusão.....	57
6 Referências.....	59

Lista de figuras

Fig. n.º 1: Situação da área pesquisada. Fonte: Google <i>maps</i>	19
Fig. n.º 2: Mapa de Curitiba entre 1830 e 1850.....	35
Fig. n.º 3: Plano de imóveis da Rua XV em finais do século XIX.....	36
Fig. n.º 4: Trânsito na “Cinelândia” da XV de Novembro, com a Praça Osório no fundo. Meados da década de 1960.....	37
Fig. n.º 5: Cardápio exposto na fachada do bar <i>Mignon</i> . Fonte: Fotografia do autor.....	44
Fig. n.º 6: Registro de línguas da família tupi-guarani no setor bancário: banco <i>Itaú</i>	45
Fig. n.º 7: Mensagem sobre atendimento em Libras. Loja de serviços de telefonia TIM.....	45
Fig. n.º 8: Cartaz informativo bilíngue português/chinês sobre medidas de higiene em loja de tipo bazar.....	45
Fig. n.º 9: Línguas alóctones: árabe (alfabeto latino). Padaria e confeitaria Kibe da boca....	49
Fig. n.º 10: Línguas alóctones: japonês (alfabeto latino). Rótulo em fachada.....	49
Fig. n.º 11: Uso de línguas alóctones: polonês. Loja de sorvetes <i>Bapka</i>	49
Fig. n.º 12: “Outras línguas”: fotografia da vitrine da loja de roupas <i>Art Stillo Collection</i>	51
Fig. n.º 13: “Outras línguas”: fotografia da loja de calçados <i>Scarpinni</i>	51
Fig. n.º 14: Publicidade na vitrine de uma loja O Boticário: holandês, inglês, chinês e francês no produto, português no preço.....	51
Fig. n.º 15: Sinal monolíngue em português sobre a linha turismo.....	55
Fig. n.º 16: Totem trilíngue em português, inglês e espanhol com informação sobre a linha turismo.....	55
Fig. n.º 17: Placa monolíngue em português sobre a Confeitaria das Famílias.....	55
Fig. n.º 18: Placas monolíngues em português: totem na escultura da Boca Maldita.....	55
Fig. n.º 19: Registro de braile e latim em poste com nome das ruas.....	56
Fig. n.º 20: Registro do nome da cidade na forma “Coritiba”. Placa no obelisco próximo da Pç. Osório.....	57

Lista de tabelas

Tab. n.º 1: Número de línguas encontradas nas unidades de análise.....	39
Tab. n.º 2: Línguas em cada categoria de unidades.....	43
Tab. n.º 3: Línguas e percentual de unidades de cada categoria em que foram utilizadas...46	
Tab. n.º 4: Número de unidades multilíngues em que as línguas foram utilizadas no tipo de informação mencionado.....	49
Tab. n.º 5: Número de unidades monolíngues em que as línguas foram utilizadas no tipo de informação mencionado.....	52
Tab. n.º 6: Composição linguística das unidades <i>top-down</i> (n.º máximo = 16)	54

Lista de gráficos

Gráf. n.º 1: Línguas presentes e percentual de unidades em que foram encontradas.....	39
Gráf. n.º 2: Número de unidades em cada categoria.....	41
Gráf. n.º 3: Línguas e número de categorias em que foram registradas.....	42
Gráf. n.º 4: Número de unidades.....	53
Gráf. n.º 5: Número de línguas nas unidades mencionadas.....	53

1 Introdução.

A língua ocupa os mais diversos espaços nas nossas cidades. Desde placas comemorativas, sinais de trânsito, outdoors e pichações até nomes de lojas, prédios e ruas, todos constituem uma forma de modificar o território, de interagir com o receptor que passa, e podem revelar ou ocultar a existência de comunidades de falantes de línguas diferentes das oficialmente reconhecidas como de comunicação. O estudo da Paisagem Linguística (doravante, PL) pode, portanto, aportar informação relevante como quais línguas aparecem representadas e em qual medida, os domínios em que são ou não utilizadas, o status e os valores simbólicos que podem ser associados com o seu uso, e, em definitiva, contribuir para um melhor conhecimento do multilinguismo cada vez mais presente em sociedades complexas e diversas constituídas por migrantes, turistas, residentes de várias nacionalidades e moradores conectados com um mundo globalizado.

Curitiba, capital do estado do Paraná e uma das grandes urbes brasileiras, conta com uma história construída com as aportações de diversos grupos humanos, incluindo grandes levas de imigrantes em finais do século XIX e inícios do XX. Oficialmente monolíngue, esta pesquisa propõe focar na PL de uma das artérias comerciais mais transitadas do centro, o Calçadão da XV, como forma de aproximação à realidade linguística da sociedade curitibana.

Para tal, abordaremos o objeto de estudo com base nas pesquisas sobre PL, essencialmente, e com o apoio da política linguística, da história e do urbanismo, de forma a conseguir uma visão mais global sobre o contexto em que se encontra inserido. Começaremos, no capítulo 2, revisando os principais conceitos, fundamentos metodológicos e aportações dos trabalhos mais influentes e das pesquisas realizadas no Brasil, e apresentando a metodologia que norteia esta pesquisa. Observaremos como os diversos autores têm se aproximado do fenómeno com perspectivas e interesses diferentes, seja tratando contextos de conflito entre línguas, seja em localidades supostamente monolíngues, às vezes analisando de forma minuciosa todos os componentes da PL, e outras selecionando itens concretos.

No capítulo 3 justificaremos a pertinência de analisar a PL de Curitiba expondo em primeiro lugar o multilinguismo do Brasil, tanto do ponto de vista histórico quanto apresentando a situação atual, destacando tanto intervenções diretas e indiretas do poder público para homogeneizar linguisticamente o país quanto, posteriormente, as tentativas para ampliar o reconhecimento oficial de várias línguas em diversos níveis da administração. Além disso, a história da capital paranaense e a composição da sua

população, somados ao desenvolvimento da área objeto de estudo, completarão o terceiro capítulo.

O apartado número quatro aborda a análise dos dados, que revelou, dentre outras informações, uma paisagem principalmente multilíngue, com especial variedade nas mensagens não oficiais e com presença destacada do inglês. As outras línguas registradas ocuparam poucos espaços, tanto as alóctones quanto as autóctones. Foram notados a escassa relevância do espanhol e a visibilidade maior do italiano frente ao alemão e ao polonês, por exemplo, línguas também de imigração.

O trabalho será encerrado com as conclusões finais, que ocupam o último capítulo.

2 A PL: campo de estudos e metodologia.

2.1 O conceito de PL e os diversos enfoques.

Os estudos sobre PL constituem uma área relativamente recente, interessada no multilinguismo e de caráter eminentemente interdisciplinar, recebendo contribuições de disciplinas como “política linguística, sociologia, semiótica, estudos literários, antropologia, geografia social e humana, política e estudos urbanos” (Van Mensel *et al.*, 2017, p. 423)¹. O conceito de PL pode ser entendido desde perspectivas diversas (Gorter, 2006). Landry e Bourhis (1997, p. 23) foram os primeiros em definir de forma clara a PL e a sua definição constitui provavelmente a mais citada em trabalhos posteriores: “A paisagem linguística refere-se à visibilidade e destaque de línguas em sinais públicos e comerciais em um território ou região dados”. Os autores propõem como exemplos “sinais de trânsito, outdoors publicitários, nomes de ruas e locais, sinais em lojas comerciais e sinais públicos em prédios do governo” (*Ibidem*, 1997, p. 25). Mais recentemente, Gorter (2018, pp. 41, 42) adota como definição válida, “ampla e funcional” a que é apresentada na revista *Linguistic Landscape: An international journal*² no texto com os objetivos, onde declara-se que a PL “tenta compreender os motivos, usos, ideologias, variedades linguísticas e contestações de múltiplas formas de ‘línguas’ tal como são apresentadas em espaços públicos”.

Landry e Bourhis (1997, p. 24) e Van Mensel *et al.*, (2017, p. 425) situam no âmbito da política e planificação linguísticas as primeiras abordagens de assuntos relacionados com a PL, concretamente abordando casos de conflito entre línguas. Os primeiros referem-se especificamente a trabalhos sobre regulações no uso das diversas línguas em jogo e a consequente marcação das fronteiras entre “territórios linguísticos” na Bélgica (citam

¹ Todas as traduções de citações textuais de referências em línguas diferentes do português, são do autor deste trabalho.

² O primeiro número é de 2015. A revista é editada por John Bejamins.

Verdoot, 1979) e em Quebec (Corbeil, 1980). Os segundos mencionam também como

dessa língua, constituindo o fator que mais condiciona (ou um dos que mais) as crenças exocêntricas sobre a vitalidade de uma comunidade (*Ibidem*, p. 45), e estando menos relacionado com as crenças ego-cêntricas e com a identidade etnolinguística. Para os autores resulta evidente que a PL tem impacto no comportamento linguístico, isto é, a presença de uma língua na PL influi no maior uso dessa língua em diversos contextos e com vários tipos de interlocutores. Essa constatação, dentre outros fatores, causaria um primeiro grupo de estudos sobre PL (Van Mensel *et al.*, 2017, p. 425).

Quanto à teoria da vitalidade etnolinguística tinha sido desenvolvida por Giles *et al.* (1977) mediante um modelo, pensado para contextos de línguas minoritárias em contato com outras, de 3 fatores que mostrariam a força de uma língua em um dado momento³:

-Status.- Status social, econômico e histórico da comunidade e prestígio e status da língua.

-Demografia.- Número de falantes e a sua distribuição no território (concentração, dispersão), taxa de natalidade, processos de imigração e emigração.

-Apoio institucional.- Em qual medida a língua aparece representada de maneira formal e informal nas diversas instituições da comunidade e âmbitos de uso da língua.

Nos contextos de contato —e, portanto, concorrência— de várias línguas (ou variedades), a baixa vitalidade de uma delas pode levar os falantes a tomar a decisão de abandonar parcial ou totalmente o seu uso. Porém, alguns falantes podem optar por mantê-la —ou inclusive aumentar o seu uso— mostrando um alto grau de lealdade etnolinguística. A vitalidade etnolinguística pode ser avaliada em base a dados concretos, observáveis, mas “a avaliação subjetiva que um grupo faz sobre a própria vitalidade pode ser tão importante quanto a realidade objetiva” (Giles *et al.*, 1977, p. 318). Laundry & Bourhis (1997) integram a teoria da vitalidade etnolinguística com a teoria da acomodação do discurso (de Giles) e a teoria das relações intergrupais (de Tajfel).

Posteriores trabalhos, no entanto, têm questionado essa relação entre PL e vitalidade etnolinguística. Van Mensel *et al.*, (2017, p. 428), citam Leeman e Modan (2009) e Barni e Bagna (2010), que abordam a presença do chinês na PL da Chinatown de Washington DC e do bairro Esquilino de Roma, respectivamente. No primeiro deles, a visibilidade do chinês obedeceria a uma política linguística local para promover o caráter chinês do bairro como estratégia para vender qualquer coisa, enquanto a população dessa origem preferia morar em outros bairros da cidade. No caso de Roma, embora o chinês

3 No citado trabalho de Giles *et al.* (1977, p. 13), os autores indicam que seria mais apropriado utilizar o termo “estilo de fala do grupo étnico”, que incluiria conceitos como língua, dialeto, sotaques, etc., pelo que consideramos adequada a aplicação desse marco teórico ao âmbito do nosso trabalho com variedades diatópicas.

destacasse na PL, a maioria dos imigrantes tinham origem em Bangladesh, Filipinas ou Romênia. Para Van Mensel *et al.*, (2017, p. 430), fatores de tipo “étnico, político, ideológico, comercial e econômico” interagem para explicar PL complexas de bairros e cidades globais, destacando a transformação da visibilidade das línguas em uma mercadoria mais.

Os mesmos autores (*Ibidem*, 2017) consideram o estudo do multilinguismo na sociedade como o objeto de uma segunda leva de estudos sobre PL que iniciaria Gorter (2006). Neles, as línguas presentes na PL não teriam necessariamente relação direta com as línguas faladas nessas comunidades e, no entanto, indicariam “diversas disputas de poder sobre o espaço, adesão e legitimidade, política e ideologia” (Van Mensel *et al.*, 2017, p. 431). Desse modo, a PL deveria ser estudada como “construção simbólica do espaço público” (*Ibidem*). Nesse sentido, e vinculando a PL com outras teorias da sociologia, Ben-Rafael *et al.* (2006, p. 9), por exemplo, basearam-se para as suas hipóteses de trabalho nas relações de poder que agem entre os participantes de toda realidade social (Bourdieu), a importância da forma de apresentação do eu na forma de agir socialmente (Goffman) e a influência nessa forma de agir de considerações racionais em termos de interesse para conseguir objetivos (Boudon).

Uma outra orientação a constituiriam os estudos que focam na mistura e/ou alternância de códigos nos sinais presentes na PL e os diferentes significados que isso pode transmitir: globalização no uso do inglês frente ao francês na Rep. Democrática do Congo (Kasanga, 2010) ou frente ao alemão (Adroutsopoulos, 2012), diferente disposição da informação ou diversos graus de tradução nos diferentes códigos usados em Lira (Uganda) (Reh, 2004) e Bruxelas (Sebba, 2013), a criação de novas variedades linguísticas em Bangkok (Huebner, 2006) ou a relação entre formas de misturar códigos e situação sócio-econômica em Khayelitsha (África do Sul) (Stroud e Mpendukana, 2009), todos eles em Van Mensel *et al.*, (2017, p. 431). Para explicar o uso misturado de línguas e códigos na PL, alguns trabalhos recorrem a novos conceitos como “práticas translinguais” (Gorter e Cenoz, 2015), isto é, um uso fluido entre repertórios de diversas línguas por parte de autores bilíngues como estratégia para conformar o seu espaço social; “metrolingualismo” (Otsuji e Pennycook, 2010), para referir-se ao modo em que “pessoas de origens diversas e misturadas usam, brincam e negociam a identidade por meio da língua”; ou “*polilanguaging*” (Jorgensen *et al.*, 2011), que seria um uso da língua em que se tomam aspectos fortemente relacionados com uma língua por parte de usuários que podem não dominar essa língua dada, todos em Van Mensel *et al.*, (2017, p. 433). Atribuir determinadas características

presentes na PL a uma ou outra língua, portanto, nem sempre indica a existência de falantes desses códigos.

A abordagem da PL também tem influenciado, dentro da política linguística, os estudos sobre línguas minoritárias. Em Cenoz e Gorter (2006) a PL beneficiava-se da política de proteção da língua basca em San Sebastián (Espanha), enquanto não acontecia de forma equivalente no caso do frísio em Leeuwarden (Holanda). Desse modo, a PL garante visibilidade para essas línguas, e pode causar efeitos no comportamento linguístico dos falantes, na linha do acima comentado sobre vitalidade etnolinguística subjetiva (Landry e Bourhis, 1997). No entanto, outros estudos nesta linha indicam a possibilidade da língua minoritária ficar restringida a um papel econômico de atração turística, como aconteceria na Bretanha (Hornsby, 2008), Gales (Coupland, 2012), Irlanda (Kallen, 2009, Moriarty, 2012), região da Calota do Norte (concretamente, quatro pequenos povoados de Rússia, Noruega, Suécia e Finlândia) (Salo, 2012), a Bélgica falante de alemão (Van Mensel e Darquennes, 2012), ou nas cidades da costa na Itália e na França (Blackwood e Tufi, 2012), todos citados em Van Mensel *et al.*, (2017, p. 436). Essa eventualidade poderia situar essas línguas minoritárias como mais subordinadas ainda na hierarquia de línguas.

Finalmente, diversos trabalhos têm apontado para a onnipresença do inglês na PL de entornos em que essa língua não conta com nenhum tipo de status de oficialidade. Além de tratar-se de um marcador da globalização e de refletir o cunho do inglês como língua franca, pode obedecer a outros fatores, como resultar uma opção de neutralidade na disputa entre francês e holandês em Bruxelas ou, em geral, por ser associado por parte da publicidade com valores como a tecnologia, a modernidade, etc. (*Ibidem*, p. 438).

2.2 Pesquisas prévias sobre o Brasil.

São muito recentes os trabalhos que têm focado na PL de territórios brasileiros. Alguns deles tomam como objeto de estudo localidades formadas pela chegada de grupos de imigrantes desde a segunda metade do século XIX. Desse modo, Vecchia (2016) e Vecchia e Jung (2016) estudam as colônias Entre Rios e Vitória, respectivamente (ambas a sul de Guarapuava, Paraná), criadas com emigrantes “suábios do Danúbio” de etnia alemã, procedentes da Hungria, Romênia e Iugoslávia. Embora no dia a dia convivam o português, o *Hochdeutsch* (considerada a variedade padrão do alemão) e o *Schwovisch* (variedade local do alemão), na PL só há espaço para as duas primeiras, sendo ocultado o dialeto local em placas e sinais no que parece evidenciar uma política linguística

normativista que visa a valorizar, além de uma identidade brasileira e alemã, os vínculos com a Alemanha.

Já Teis *et al.*, (2018) abordam a PL da Avenida Zelina, na cidade de São Paulo, através de topônimos de nomes de lugar e de nomes comerciais, constatando a presença de palavras que remetem para a origem de moradores imigrantes lituanos e russos, e que em alguns casos respeitam inclusive a grafia original do lituano.

Por sua vez, Bielenin-Lenczowska (2020) e Bielenin-Lenczowska e Costa (2020) constataam a pouca visibilidade do polonês na PL de localidades do interior do Paraná formadas por grandes contingentes de imigrantes poloneses em finais do século XIX (como Rio Claro do Sul, Rio Azul, Irati e Mallet, dentre outras). Embora muitos moradores considerem-se bilíngues em polonês e português, a língua eslava apenas foi encontrada em casos como lápides de cemitérios, nomes de ruas e pontos comerciais ou placas em eventos folclóricos. Citando Baranova e Fedorova, Bielenin-Lenczowska (2020, p. 5284) fala de uma “diversidade escondida” de línguas com grande presença oral, embora apagadas na forma escrita.

Precisamente em lápides, concretamente da localidade de Iguatu (Paraná), focam o seu trabalho Tavares de Barros *et al.* (2020), que encontraram nomes de família de origem alemã, italiana, eslava, portuguesa e espanhola.

De outra parte, há trabalhos que analisam o multilinguismo presente na PL de cidades de diversos tamanhos e com perspectivas diversas, alguns com um olhar mais abrangente, e outros centrando-se em aspectos muito mais específicos. Soares *et al.* (2016), por exemplo, constataram em Juiz de Fora (Minas Gerais) o uso, inclusive em um mesmo texto, de repertórios comunicativos com características de línguas como inglês, espanhol, italiano, árabe, chinês e hebraico.

Jenovencio (2018) analisa dois bairros de Florianópolis em que, embora o público-alvo seja eminentemente hispano-falante, evidenciou-se uma assimétrica presença do espanhol e do inglês, com domínio do segundo, vinculado —globalização mediante— à distinção social e ao prestígio, enquanto o primeiro aparece ligado à comunicação.

As casas de festa infantis da cidade de João Pessoa são o objeto de estudo de Fernandes (2019), que encontra estrangeirismos (inglês, francês e hebraico) e neologismos que refletiriam a diversidade linguística da capital paraibana.

Por último, Maciel (2021) aborda as pichações do centro de Manaus, destacando o seu conteúdo político, ideológico e social, além de outras significações relativas à marcação do território por parte dos autores.

Um terceiro grupo o constituem aqueles trabalhos focados em contextos de fronteira. Rodrigues (2020) analisa a PL da divisa entre Brasil e Colômbia nas cidades de Tabatinga e Leticia, notando, em signos de lojas particulares, um fluido contato entre espanhol e português em ambos os lados, não observando o mesmo nas mensagens do tipo *top-down*, restritas à língua oficial de cada país. Por outro lado, a invisibilidade das línguas indígenas nessa PL, indicaria a sua posição subalterna na hierarquia linguística com relação a espanhol e português.

Vários autores analisam a PL da cidade paranaense de Foz do Iguaçu, situada na trílice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina e na confluência dos rios Paraná e Iguaçu. Trata-se de um enclave transnacional de mais de 600000 moradores formado por *Ciudad del Este* (Paraguai), *Puerto Iguazú* (Argentina) e a cidade brasileira⁴, situada no centro desse conglomerado urbano e ligada com cada uma das outras duas cidades por duas pontes que facilitam a circulação de pessoas, mercadorias e serviços⁵. Além disso, a atração das Cataratas do Iguaçu, com parques nos lados brasileiro e argentino, e a usina hidrelétrica binacional de Itaipu (Brasil e Paraguai), dentre outros fatores, contribuem para a circulação de muitos turistas, o que situa a Foz como o terceiro destino dos turistas internacionais no Brasil (Ministério do Turismo, 2021, p. 330) e um dos mais procurados pelos próprios brasileiros.

No seu estudo sobre o multilinguismo em Foz, Silva *et al.* (2016) constataram, além do português, a presença de inglês, árabe, espanhol, guarani, chinês, japonês, francês, alemão e italiano, destacando em frequência as três primeiras. A assimetria na visibilidade das diversas línguas ficou evidente, por exemplo, nas mensagens *top-down* direcionadas para o turismo internacional, em que unicamente o inglês acompanha o português, ou a escassa representatividade das línguas dos países fronteiriços, espanhol e guarani.

Berger e Elsenbach (2017) apontam também para a assimétrica representação das diversas línguas presentes na PL multilíngue da área central da cidade. Além do português, foram encontrados alemão, árabe, espanhol, francês, guarani, inglês, italiano, japonês, mandarim e polonês, com muita maior presença do inglês sobre o resto, em todos os tipos de signos analisados. A muita distância do inglês, espanhol, italiano e árabe sobressaíram sobre as restantes línguas.

4 *Ciudad del Este* (Paraguai) é a mais populosa das três, com quase 300000 habitantes, seguida por Foz, quase 260000, e *Puerto Iguazú* (Argentina), com aproximadamente 82000 (Lecheta, 2022, p. 32). Vale notar que a urbe brasileira multiplicou a sua população a partir da construção da usina hidrelétrica binacional de Itaipu na década de 70 (Silva *et al.*, 2016, p. 1264).

5 A Ponte da Amizade, construída na década de 70 sobre o rio Paraná, conecta Foz com *Ciudad del Este* (Paraguai), enquanto a Ponte da Fraternidade, ou Ponte Tancredo Neves, construída em 1985 sobre o rio Iguaçu, facilita a ligação da cidade brasileira com Puerto Iguazú (Argentina) (Silva *et al.*, 2016, p. 1263).

Lecheta (2020: 18) estuda igualmente a PL do centro de Foz, porém abordando as percepções provocadas em 70 informantes pelo conteúdo das “manifestações impressas em locais não autorizados pelo poder público”, isto é, dos grafitis e pichações com mensagens legíveis. Nos textos, com conteúdos sobre feminismo, crítica política e artes, se verificou a presença de português, espanhol e inglês. A autora constatou, dentre outras questões, a visibilidade desse tipo de mensagens, que são os que mais chamam a atenção dos informantes no espaço público, seguidos pelos outdoors.

Por sua vez, Gonçalves (2021) pesquisa a PL de 5 pares de localidades fronteiriças gêmeas situadas na divisa entre Brasil e Uruguai para aprofundar em uma realidade plurilíngue em que foram registradas 15 línguas, incluindo espanhol e português: alemão, árabe, coreano, francês, grego, hebreu, inglês, italiano, japonês, latim, mandarim, tupi e turco. Embora em cada lado da fronteira a maioria dos registros fosse de textos monolíngues (em português na parte brasileira e em espanhol na uruguaia), em torno de 1/5 dos dados, em cada lado da fronteira, corresponderam a registros bilíngues, destacando a combinação português ou espanhol (respectivamente, em Brasil e Uruguai) + inglês, seguida de longe por português + espanhol. Por fim, a presença de algumas línguas (alemão, árabe, italiano e mandarim), apontou para um plurilinguismo local minoritário, enquanto outras pareceram o resultado de dinâmicas globais (caso do inglês).

O breve panorama até aqui apresentado tem oferecido um resumo de vários estudos sobre localidades consideradas multilíngues, seja pela presença de grupos numerosos de imigrantes na atualidade, seja pela origem da população, em muitas oportunidades baseada em grandes contingentes de imigrantes, seja pela situação de fronteira. Dentre eles, alguns têm abordado a PL de diversas localidades do Paraná, nomeadamente Foz do Iguaçu, de grande interesse pela sua situação na tríplice fronteira, e povoações de menor tamanho com população de origem eslava e alemã. No entanto, a capital do estado, Curitiba, não tem sido objeto de pesquisa, embora historicamente vários grupos étnicos de línguas diferentes tenham formado parte do seu desenvolvimento, e atualmente concentre população indígena e moradores de diversas nacionalidades, além de grande número de turistas internacionais. O presente trabalho pretende contribuir para preencher essa lacuna.

2.3 Aspectos metodológicos dos estudos de PL.

Não há consenso quanto ao que deve ser considerado como unidade de análise nos estudos sobre PL. Como já foi indicado acima, na sua definição seminal sobre o conceito

de PL, Landry e Bourhis (1997, p. 25) apresentavam uma lista de exemplos que poderia tomar-se como uma primeira categorização de signos a serem analisados. A opção de Backhaus (2006, p. 55) seria estabelecer que um signo, ou item de análise, seria “qualquer pedaço de texto dentro de um marco delimitado espacialmente, independentemente do seu tamanho e proeminência”. Estariam incluídos, portanto, desde pequenas vinhetas autocolantes até grandes outdoors comerciais. Para Ben-Rafael *et al.* (2006, p. 14) o objeto de análise seria “qualquer signo ou anúncio situado na parte exterior ou interior de uma instituição pública ou de um negócio privado”. Uma outra escolha metodológica consiste em tomar, como Cenoz e Gorter (2006, p. 71), cada estabelecimento, e não cada signo individual, como unidade. Desse modo, todos os textos de um local comercial são considerados juntos, já que “inclusive se escritos em línguas diferentes, são o resultado das línguas usadas pela mesma companhia” e oferecem uma “impressão geral porque cada texto pertence a um total maior em lugar de estarem claramente desconectados” (*Ibidem*). Gorter (2018) assinala que o debate continua se alastrando.

Outras importantes questões sobre a unidade de análise têm sido apontadas. Gorter (2006 e 2018) plantea a consideração ou não dos textos em objetos em movimento (carros, ônibus, etc.), o problema das telas digitais e a quantidade de informação cambiante que apresentam, ou o fato de a PL ser cambiante de um dia para outro com a mudança de posters, por exemplo. Sobre a inclusão de elementos móveis, os primeiros trabalhos tendem a focar em textos fixos (Landry e Bourhis, 1997, Ben-Rafael *et al.*, 2006), enquanto outros autores têm adoptado opções diferentes. Pons Rodríguez (2012, p. 111), por exemplo, analisa unicamente signos de natureza estática, incluindo, porém, “textos semi-móveis”, como painéis publicitários que se situam no espaço urbano durante alguns momentos do dia. Por sua vez, Coupland (2010) foca em blusas e Peck e Stroud (2015), em tatuagens, ambos em Van Mensel *et al.*, (2017, p. 439). No Brasil, Gonçalves (2021, p. 40) analisa “todo tipo de sinais gráficos, estáticos e em movimento, adesivos em carros, ônibus”, e Jenovencio (2018), além de placas nos estabelecimentos, inclui cardápios de restaurantes, sem especificar se são eles fixos ou móveis, nem a situação em que foram encontrados em cada caso (no interior, na fachada, no exterior dos estabelecimentos).

Também é debatido, precisamente, se devem constituir objeto de estudo, além dos signos situados no exterior, aqueles que se encontram no interior de locais públicos e comerciais. Por exemplo, Ben-Rafael *et al.* (2006) e Pons Rodríguez (2012) os incluem, enquanto Torkington (2009) e Vandembroucke (2010), dentre outros, não.

De outro lado, também encontramos diversidade de enfoques quanto à exaustividade ou alcance das unidades a serem analisadas. Enquanto há autores que analisam todas as unidades de um território dado —opção da maioria dos trabalhos—, outros pesquisadores focam num só tipo de signos, como nomes de lugares (Puzey, 2012) ou esculturas especiais (Jaworski, 2015), ambos em Gorter (2018, p. 46), grafitis e pichações Lecheta (2020) ou lápides (Tavares de Barros *et al.*, 2020).

Quanto à forma de classificar as unidades, Landry e Bourhis (1997, p. 26) diferenciam entre “sinais privados”, que incluem sinais comerciais e anúncios em lojas, estabelecimentos de negócios, outdoors, transporte público, etc., e “sinais governamentais”, que se refere a sinais de administrações públicas dos âmbitos municipal, estadual ou federal, tais como nomes de ruas, sinais de trânsito, mensagens em hospitais, universidades, parques, etc., sempre que sejam de titularidade pública. Por sua vez, Ben-Rafael *et al.* (2006, p. 3) utilizam a denominação “*top-down*” para “sinais oficiais colocados pelo governo ou instituição relacionada” e que, alegadamente, refletiriam ou apresentariam uma orientação mais acorde com a língua dominante, e “*bottom-up*” para “sinais não oficiais situados por companhias comerciais ou por organizações privadas ou pessoas”, em que apareceria uma maior liberdade de escolha que pode traslucir os objetivos das diversas comunidades, sejam eles comerciais, sejam de identificação com o grupo dominante ou de autoafirmação frente a outros grupos. Backhaus (2006, p. 62), que fala em sinais “oficiais” e “não oficiais”, explica a presença de diferentes línguas nesses dois tipos de sinais utilizando uma oposição muito utilizada em sociolinguística, “poder” e “solidariedade”. Desse modo, nos sinais oficiais a escolha das línguas neles utilizadas estaria orientada por relações de poder, enquanto nos não oficiais, a solidariedade permite um maior uso de línguas estrangeiras. Essa diversa orientação justificaria discordâncias nas línguas presentes nos dois tipos de sinais apontados numa PL dada. No entanto, Van Mensel *et al.*, (2017, p. 435), citando autores como Kallen (2010), Lou (2012) e Pavlenko (2009), notam que a distinção entre sinais oficiais e não oficiais pode resultar difusa pela ação de diversas forças: atores privados podem apagar ou sobre-escrever mensagens em sinais oficiais: no seu interesse por manter uma imagem determinada, corporações multinacionais podem pressionar para evitar políticas linguísticas locais; o dono de uma loja deve seguir umas normas e, portanto, não tem liberdade para escolher a língua das mensagens no seu estabelecimento; etc.

Ben-Rafael *et al.* (2006: 11), distribuem também os signos *top-down* e *bottom-up* em áreas de atividade: tipo de instituição (nacional, regional, cultural, etc.) para os primeiros, e profissionais, comerciais e serviços (e de que tipo, para cada categoria), para os segundos.

Além disso, é importante indicar características relevantes de cada signo. Cenoz e Gorter (2006), por exemplo, consideram se aparecem uma ou várias línguas, quais línguas e em qual ordem aparecem. Também analisam, em signos bi/multilínguas, se há diferença no tamanho e nas fontes dos textos nas diversas línguas, quanta informação é apresentada em cada uma e se os textos traduzem o apresentado nas outras línguas presentes. Por sua vez, Backhaus (2006), classifica como multilíngues os signos que incluem uma outra língua além de —ou em lugar da— oficial e majoritária (japonês), pelo que um signo monolíngue em coreano será considerado multilíngue na sua pesquisa.

Nem sempre é simples classificar os signos ou partes dele em uma ou outra língua, como notam Backhaus (2006) e Huebner (2006) nos seus trabalhos sobre Tóquio e Bangkok, respectivamente, consideradas as implicações do uso dos alfabetos latino ou dos sistemas Kanji, Hiragana ou Katakana, no primeiro caso, e da escritura Thai, no segundo, e a penetração do inglês nas mensagens comerciais. Nem sempre o uso de um dado sistema de escritura implica que esse signo possa ser considerado como próprio da língua que normalmente o utiliza.

Uma outra questão metodológica consiste em delimitar o espaço objeto de estudo, para o que os autores oferecem propostas diferentes. Enquanto Pons Rodríguez (2012) abarca a totalidade do território de Sevilha, Huebner (2006) pesquisa um espaço da rua principal de 15 bairros do centro e da periferia de Bangkok. Backhaus (2006), por sua vez, segue o percurso da linha de trem Yamanote de Tóquio e foca no espaço entre dois semáforos consecutivos arredor de várias estações. Cenoz e Gorter (2006) concentram-se em uma rua comercial de *Donostia* (São Sebastião, Espanha) e *Leeuwarden* (Ljouwert, Holanda). Torkington (2009) completa a análise quantitativa sobre uma rua de uma pequena localidade do Algarve português com uma breve análise qualitativa de outdoors da região. Há inclusive propostas de análise da PL do ciberespaço, como Ivkovic e Lotherington (2009) (em Gorter, 2018, p. 42)⁶. No Brasil, como foi apresentado, as opções incluem casas de festa infantis em João Pessoa (Fernandes, 2019), diversos bairros de Foz do Iguaçu (Silva, *et al.*, 2016, Berger e Elsenbach, 2017, e Lecheta, 2020) ou várias localidades do interior de Paraná (Bielenin-Lenczowska, 2020, e Bielenin-Lenczowska e Costa, 2020) e da fronteira entre Brasil e Uruguai (Gonçalves, 2021).

Relacionada com a questão do território ou espaço objeto de estudo, encontra-se a situação sociolinguística desse local. Desde Landry e Bourhis (1997), muitos autores têm pesquisado cidades ou regiões em que há convivência entre pelo menos duas

⁶ Pode consultar-se Gorter (2018) para um panorama de trabalhos com diversas perspectivas quanto ao local escolhido para a análise da PL.

línguas, em muitos casos com status de oficialidade (São Sebastião e Leeuwarden em Cenoz e Gorter, 2006, Bruxelas em Vandenbroucke, 2010, Israel em Ben-Rafael *et al.*, 2006). Porém, como salienta Edelman (2010: 1), os movimentos populacionais facilitam que “muitas cidades do mundo todo estão se tornando mais linguisticamente diversas” e “a publicidade está se tornando mais e mais multilíngue”. Portanto, fatores como o contexto atual de globalização, com o conseqüente movimento de pessoas (migrantes, turistas, etc.) e também a facilidade do contato com outras línguas, mesmo que não estejam presentes num dado território, podem ser considerados na hora de selecionar como objeto de pesquisa cidades ou territórios *a priori* monolíngues. Esses locais podem incluir comunidades de falantes de línguas ou variedades diferentes de aquelas maioritárias ou reconhecidas como oficiais, além da presença de línguas estrangeiras em anúncios e mensagens comerciais, como acontece em muitos casos com o inglês. Na literatura sobre PL há, portanto, autores que estudam cidades teoricamente monolíngues (Sevilha em Pons Rodríguez, 2012; Tokio em Backhaus, 2006; Bangkok em Huebner, 2006; Almancil, no Algarve, em Torkington, 2009; além dos estudos sobre Brasil acima revisados) e que conseguem aflorar interessantes características a partir do uso e distribuição das diversas línguas ou variedades presentes, como atitudes sociais face os grupos representados ou não nessas línguas, o uso delas como marcadores de status e/ou solidariedade, percepções sobre a identidade do grupo, etc.

Também há diferenças quanto ao recurso às fotografias para a coleta dos dados, desde autores que fotografam todos os textos para depois extrair as unidades de análise (Cenoz e Gorter, 2006), até os que optam por retratar unicamente os signos considerados como multilíngues (Backhaus, 2006). Gorter (2018) aborda também outras questões relacionadas com as fotografias nos estudos de PL, como a sua qualidade, seleção, publicação, etc.

Em função do até aqui apresentado, resultam evidentes as muitas escolhas metodológicas a serem realizadas e que nem sempre são explicitadas pelos pesquisadores. No capítulo a seguir, expõem-se as opções tomadas na elaboração deste trabalho.

2.4 Metodologia da presente pesquisa.

Constituirá o objeto da nossa pesquisa uma das ruas comerciais mais conhecidas, movimentadas e representativas da cidade de Curitiba: o Calçadão da XV. Nos referimos à via exclusiva para pedestres mais conhecida da cidade, situada no bairro Centro, e que consideraremos em sentido amplo, isto é, incluindo a parte da Rua Luíz Xavier que liga a

Praça Osório com a Rua XV de Novembro, e a parte sem veículos da própria Rua XV de Novembro, desde a ligação com a Luíz Xavier até a confluência com a Rua Presidente Faria, nas proximidades da Praça Santos Andrade. A seguir, a figura n.º 1 ilustra a área analisada.



Figura n.º 1: Situação da área pesquisada. Fonte: Google *maps*.

Seguimos, portanto, Gorter (2006) e Vandembroucke (2010) na escolha de uma rua comercial como espaço de estudo, e também do estabelecimento como unidade de análise, já que consideramos metodologicamente mais apropriado analisar todos os textos de uma loja de forma conjunta, como emitidos pelo responsável do local. Desse modo, evitamos alguns inconvenientes que ocasiona optar por qualquer texto espacialmente delimitado como unidade, como o grande número delas a ser analisado e a repetição em múltiplas oportunidades de um mesmo nome, marca ou mensagem comercial em um local dado. Como notado por Gorter (2018, p. 46), essa circunstância pode ocasionar que “Quando quantificamos todas essas ocorrências, apenas uma ou duas lojas podem desviar os resultados em um sentido”.

De outra parte, unicamente serão considerados textos situados na fachada ou claramente visíveis desde o exterior. Trata-se de uma opção metodológica de compromisso entre aqueles estudos que incluem todas as mensagens situadas no interior dos diversos locais, e aqueles que simplesmente contabilizam as colocadas na parte externa. Deste modo, grandes cartazes e totens comerciais e informativos situados apenas uns centímetros no interior dos estabelecimentos, que são bastante utilizados e chamam a atenção do pedestre sem necessidade de ele entrar, formarão parte do nosso estudo. Também foram incluídos casos em que as paredes da entrada de um local estavam cobertas com textos na

parte mais próxima da própria entrada⁷. Excluímos signos que precisem do acesso ao interior do estabelecimento para serem lidos e não realizamos —nem computamos— fotografias desde o interior de nenhum local.

Do mesmo modo, não serão pesquisados signos em suportes móveis ou semi-móveis, focando, portanto, em mensagens estáticas. Os objetos à venda, e as embalagens deles, também serão desconsiderados. No entanto, cartazes e similares, que podem incluir fotografias dos próprios produtos, formam parte do corpus analisado⁸.

Mensagens situadas em andares superiores e claramente legíveis desde a rua também foram apreciadas.

Em galerias comerciais, os rótulos e cartazes com informação sobre as diversas lojas foram considerados como signos emitidos por elas e não pela própria galeria, que seria, no entanto, responsável por mensagens como horários, segurança, normas, etc. Contabilizamos, portanto, como unidades de análise diferentes a própria galeria, de uma parte, e as lojas que a conformam e que se anunciam, de outra. Quando foi impossível determinar a relação entre alguma dessas mensagens e as lojas, o texto foi atribuído à galeria. De forma análoga foram computadas as mensagens encontradas nas entradas de numerosos prédios: há cartazes de negócios e serviços oferecidos por empresas e particulares, de um lado, e informações sobre higiene e segurança ou o nome do edifício, de outro.

Por sua vez, em algumas lojas há cartazes de outros estabelecimentos. Esses casos foram considerados como formando parte das mensagens emitidas pela loja em que a informação aparece exibida⁹. As placas de empresas e serviços de segurança foram consideradas como parte das mensagens do local concreto em que aparecem, não formando unidades de análise de forma independente¹⁰.

Quando encontramos duas ou mais unidades da mesma rede de lojas, todas elas foram computadas como uma única unidade de análise. Várias placas, cartazes, grafites, adesivos, etc. com o mesmo autor e/ou emissor, formam igualmente uma unidade só.

7 É o caso das mensagens sobre formas de pagamento aceitas em restaurantes ou lojas, como no caso do bar-restaurant *Mignon*, por exemplo, ou dos totens dispensadores de álcool em gel situados logo na entrada de muitos estabelecimentos e que incluem mensagens comerciais.

8 Em farmácias ou lojas de perfumaria e cosméticos, como por exemplo em unidades da rede O Boticário, encontramos objetos nas vitrines e, do lado deles, um grande cartaz com a foto de algum dos produtos oferecidos. Os textos dos objetos foram desconsiderados, enquanto os do cartaz, que podem ser idênticos, foram computados.

9 Desse modo, dentre outros exemplos, na loja de cosméticos, perfumaria e salão de beleza Diva encontramos cartazes de cursos profissionalizantes das entidades Ensait e Instituto Embelleze, que foram considerados como parte da unidade de análise Diva.

10 Pela sua grande variedade e riqueza linguística, os textos das placas desse tipo de serviços oferecem um interessante objeto de estudo *per se*.

Dessa forma, todas as placas e postes com os nomes das ruas constituem uma unidade, e todos os sinais de trânsito, outra¹¹. Quanto a placas comemorativas, informativas ou situadas em monumentos de diverso tipo, consideramos unidades independentes aquelas que correspondem a órgãos —públicos ou não— também diferentes, e constituem uma única unidade quando são responsabilidade da mesma entidade¹².

Sinais e cartazes com mensagens diversas em ambos lados, são unidades diferentes unicamente se o emissor é também diferente em cada lado do suporte. De forma contrária, constituem uma unidade. Cartazes e, de forma mais comum, adesivos colocados em sinais de trânsito, foram computados como unidades independentes do sinal.

No presente estudo, não foram levados em consideração nomes próprios de pessoas nem de marcas ou produtos comerciais, menos em casos em que esses nomes podem remeter para realidades outras que simplesmente o nome da pessoa ou do objeto comercial designado¹³. Espaços, lojas, grafites, adesivos, etc. sem nenhuma mensagem, com textos ilegíveis ou não identificáveis ou simplesmente com nomes próprios de pessoas, marcas ou produtos que não remetem para outras realidades, não foram contabilizados.

Quanto à coleta dos dados, as diversas mensagens expostas na PL analisada foram fotografadas com a câmera do celular do pesquisador entre os dias nove de março e doze de abril de 2022, sempre em horário comercial¹⁴. Posteriormente, a partir das fotografias foram obtidas as unidades de análise, entendidas segundo o critério acima apontado, e foi criada uma folha de cálculo com os dados correspondentes a cada unidade: nome identificativo (o nome do estabelecimento ou o suporte e parte do texto para placas, cartazes, adesivos, grafites, etc.), caráter público (para unidades relacionadas com

11 Porém, encontramos um sinal a meio caminho entre o de trânsito e o informativo-turístico, correspondente a uma linha de ônibus turístico. Foi considerada como uma unidade de análise independente do resto de sinais de trânsito por ser responsabilidade do órgão municipal de urbanização URBS.

12 Por exemplo, foram registradas cinco placas informativas com a assinatura “Curitiba 1693-1993”: uma sobre a Galeria Lustoza, outra sobre o prédio do banco BANESTADO, uma terceira relativa ao poeta Nireu Teixeira, outra sobre a Confeitaria das Famílias e a quinta sobre o Edifício Moreira Garcez. Todas elas foram consideradas como uma mesma unidade de análise. Foram classificadas como unidades de análise diferentes outras placas que incluíam como responsável a cidade de Curitiba com denominações diversas: “o povo da cidade”, “a municipalidade de Curitiba” (com *o*), “Curitiba 29-03-1693”. Outras mensagens em monumentos, que incluíam a assinatura de prefeitos de Curitiba em coordenação com outras instituições públicas e privadas (governador do Estado do Paraná, Fundação Cultural de Curitiba, Legião Paranaense do Expedicionário), foram computadas como unidades independentes. É claro, placas imputáveis a instituições diferentes, formam unidades também diferentes, como no caso das placas do Instituto Municipal de Turismo, do Governo do Brasil, da Boca Maldita e o Presidente da Câmara Municipal, da Associação Comercial do Paraná, da Fundação Cultural de Curitiba. Equipamentos urbanos como lixeiras, um bebedouro, o posto da Guarda Municipal e a Biblioteca do Bondinho, foram considerados unidades diferentes.

13 A marca comercial de roupas íntimas *Lupo*, por exemplo, tem a sua origem no sobrenome do imigrante italiano fundador (Henrique Lupo). Tanto no sobrenome quanto na marca comercial, *lupo* é considerado na nossa pesquisa como palavra do italiano porque, além de nome próprio, remete nessa língua para um animal (o lobo).

14 Trata-se de um celular Huawei Y9 2018, modelo FLA-LX1, com duas câmeras traseiras, com sensores de 13 e 2 Megapíxeis, respetivamente, e mais duas na parte frontal, com sensores de 16 e 2 MP, respectivamente.

administrações públicas) ou privado (para o resto), área de atividade, número de línguas encontradas e enumeração delas. Nas unidades com línguas diferentes do português, foram transcritas as palavras nessas línguas e foi anotado qual tipo de informação é apresentada por meio delas (o nome da loja, as formas de pagamento, etc.).

As unidades de análise foram posteriormente classificadas nos seguintes grupos:

-Imóveis.- Inclui locais vazios, em aluguel e fechados, entradas de edifícios e rótulos nas fachadas deles e mensagens oferecendo ou demandando espaços para alugar.

-Roupas e complementos.- Formada por estabelecimentos comerciais de vestuário, calçados, bolsas e malas, outros complementos, joias e bijuteria, óticas e ateliês de costura.

-Eletrônica.- Lojas de assistência técnica e acessórios para celulares, lan house, venda de eletrodomésticos e produtos eletrônicos, games, serviços de telefonia e serviços mediante aplicativos para celulares.

-Restaurantes.- Lanchonetes e cafés, restaurantes e bares, confeitarias, venda de chocolate, sorvetes e doces, hotéis e danceterias.

-Bazar.- Galerias comerciais e shoppings populares, lojas de presentes variados, lojas especializadas em um tipo de produtos (tabaco, flores e plantas, tecidos, canetas), livrarias e bancas de jornais¹⁵.

-Beleza.- Lojas de perfumaria e cosméticos, salões de beleza, cabelereiros, locais de tatuagens e de piercing.

-Serviços.- Instituições de ensino, bancos e serviços financeiros, clínicas e serviços de saúde e farmácias¹⁶.

-Outros serviços.- Diversos tipos de profissionais (advogados, músicos, fotógrafos, conserto de portas de aço, serviços eróticos), associações (de comércio, de aposentados, coletivos culturais), manutenção e restauro de prédios, xerox e mensagens de teor político, filosófico ou literário.

-Palavras.- Mensagens, especialmente em cartazes, adesivos, grafites e pichações, com palavras, sintagmas ou letras e de difícil categorização.

-Placas e sinais.- Mensagens situados em placas informativas, comemorativas ou em monumentos, sinais de trânsito, placas e postes com os nomes das ruas, equipamento urbano como lixeiras e bebedouros, biblioteca e posto da Guarda Municipal

Para classificar palavras como pertencentes ao português ou a outras línguas, foi consultado o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), em linha, da

15 Vale notar que as bancas de jornais e revistas também oferecem bebidas e alimentos, desde snacks até pequenos lanches.

16 As farmácias oferecem também perfumes, cosméticos, artigos de higiene pessoal e alguns alimentos.

Academia Brasileira de Letras, disponível na página da própria instituição: <https://academia.org>. Para termos de uso corrente no Brasil que não pertencem ao português, o VOLP informa se o lema pesquisado é estrangeiro e indica a língua de origem. Além de outras fontes, foram pesquisados outros dicionários em linha para as diversas línguas presentes na PL analisada:

-Alemão- <https://es.langenscheidt.com>

-Árabe- Dicionário Michaelis do português brasileiro

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esfiha/>

-Espanhol- <https://www.rae.es>

-Família tupi-guarani- Dicionário tupi (antigo) - português

<http://www.etnolinguistica.org/biblio:carvalho-1987-dicionario>

-Francês- <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>

-Grego antigo- <https://www.didacterion.com/esddgr.php?modo=dcg>

-Holandês- <https://www.vandale.nl>

-Inglês- <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com> e

<https://www.merriam-webster.com>

-Italiano- <https://www.treccani.it/vocabolario>

-Japonês- consulta no VOLP.

-Latim- <https://www.didacterion.com/esddlt.php>

-Polonês- <https://sjp.pwn.pl>

-Russo- consulta no VOLP.

-Outras línguas- Dicionários das possíveis línguas presentes, no caso de palavras que podem pertencer a várias (italiano, espanhol e inglês, principalmente).

Para os casos de chinês, família tupi-guarani, grego antigo, Libras, outras línguas (ocorrência “hai”) e polonês, foi preciso pesquisar informações adicionais sobre origem de marcas comerciais e conteúdos socioculturais associados com elas, etimologia dos termos e imagens de sinais de Libras, principalmente.

3 PL em Curitiba: justificativa.

3.1 Situação linguística no Brasil

O Brasil, pensado talvez como um país homogêneo linguisticamente, contém comunidades de falantes de línguas diversas, seja as dos povos originais, seja línguas europeias, asiáticas, etc. Oliveira (2008, p. 3) contabiliza cerca de 170 línguas “autóctones”, 30 “alóctones”, segundo sejam faladas pelas “nações indígenas” ou pelos “descendentes de

imigrantes”, respetivamente, além de duas línguas de sinais¹⁷. Embora sendo um número bem menor do que as mais de 1000 que os primeiros europeus encontraram nas terras do atual território brasileiro (Rodrigues, em *Ibidem*), essa quantidade indica claramente que estamos perante um país plurilíngue, a despeito das diversas ações —diretas e indiretas— de homogenização linguística em português impostas tanto desde a metrópole colonial quanto desde a capital de um Brasil já independente.

Um exemplo de atuação direta seria o “Diretório dos Índios” de 1757 de Pombal, que proibia aos indígenas o uso das suas línguas e da língua geral —também denominada *nheengatu* na região amazônica— a grande *lingua franca* brasileira, além de fomentar o ensino do português a essas populações. A medida, embora com resultados pouco satisfatórios (Faraco, 2018, p. 32), apresentava um claro objetivo de homogeneização linguística em português. Alguns acontecimentos de tipo político-social e econômico, impactaram de forma mais acusada na desapareição de línguas indígenas, como a morte de aproximadamente 40000 falantes de *nheengatu* como resultado da repressão contra os apoiadores da revolução da Cabanagem entre 1834 e 1841 e o deslocamento de grandes massas de brasileiros monolíngues desde o nordeste para a Amazônia durante o ciclo da borracha entre 1870 e 1918 (Oliveira, 2008, p. 4).

Quanto à multitude de línguas africanas —entre 200 e 300 segundo Faraco (2018, p. 26, citando Petter)— que chegaram no território brasileiro com os enormes contingentes de pessoas escravizadas, a sua praticamente completa desapareição obedeceu a diversos fatores. Provavelmente, para facilitar a comunicação entre os falantes de tantas línguas diferentes, os escravizados teriam adotado uma outra língua africana como *lingua franca*, o que reduziria essa enorme variedade, e posteriormente passariam a utilizar o português (Faraco, 2018). O aprendizado do português seria um processo lento e progressivo, com diversas oportunidades de contato com a língua: trabalhando nas ilhas de Cabo Verde e São Tomé, nos diversos entrepostos africanos em que ficavam aguardando a serem transportados para o Brasil, nos navios negreiros ou já nos seus diferentes destinos em território brasileiro. Precisamente a contínua movimentação da mão de obra escravizada de uma para outra região em função dos diversos ciclos econômicos, facilitou o abandono das línguas africanas em favor do português, que permitia a comunicação nos entornos cambiantes em que era introduzida essa força de trabalho escravizada, constituindo o século XVIII, com a descoberta do ouro e o desenvolvimento de Minas

17 Trata-se da língua brasileira de sinais (Libras) e a língua de sinais Urubu-Kaapor. A Libras foi reconhecida como cooficial em todo o país em 2002 (regulamentada em 2005) (Morello, 2016, p. 435).

Gerais, principalmente, um período culminante nesse processo. Concentraram-se nessa área escravizados vindos tanto desde diversas regiões brasileiras quanto desde África e população lusófona procedente de outros pontos da colônia e também de Portugal, e estruturaram-se os diversos territórios brasileiros entre si, com o português como língua de comunicação (Faraco, 2018).

Posteriormente, as línguas levadas para o Brasil pelas sucessivas ondas de imigrantes após 1850, foram alvo de perseguição. O Estado Novo de Getúlio Vargas, notadamente entre 1941 e 1945 e em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, implementou medidas de repressão contra as comunidades de imigrantes e os seus descendentes, especialmente os falantes de alemão e italiano, como a “nacionalização do ensino”, o fechamento de gráficas, a criação de “áreas de confinamento”, a prisão e a tortura (Oliveira, 2008, p. 6).

Mortara (1950), com base no Censo Demográfico de um de setembro de 1940, oferece um panorama onde as várias línguas alóctones possuíam mais falantes do que as indígenas, com destaque para o alemão, japonês, italiano e espanhol¹⁸, dentre outras, e para Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Paraná¹⁹, como os estados com mais falantes de línguas estrangeiras. Os falantes de línguas aborígenes concentravam-se no Norte (estado de Amazonas) e no Centro-Oeste (Mato Grosso), figurando o nordeste como a região com menos falantes de línguas diferentes do português²⁰.

Posteriormente, só houve censo com perguntas sobre as línguas faladas no Brasil em 1950 —no entanto, os dados não estão disponíveis— e em 2010. No último, como notado por Morello (2016, p. 436), unicamente foram incluídas questões sobre a língua falada no lar para informantes que se declararam indígenas, pelo que não aporta informação sobre o total de línguas faladas no Brasil²¹. No entanto, os dados indicaram a presença de 274 línguas indígenas, incluindo a língua de sinais Urubu-Kaapor, sendo as do tronco tupi

18 Os dados concretos são 644458, 458054, 192698, 74381, respectivamente, frente a 58027 faltantes de “Guaraní, etc.” (Mortara, 1950, p. 17). 167362 fariam outras línguas europeias (polonês, russo, etc.).

19 O Paraná destaca-se como o estado com maior número de falantes de línguas europeias diferentes do alemão, italiano e espanhol, além de ser o segundo estado com mais falantes de japonês (*Ibidem*, p. 34).

20 No estudo destaca-se quais nacionalidades conseguem manter a língua por mais tempo, multiplicando o número de falantes com o avanço das gerações (alemães e japoneses), e quais perdem falantes por uma maior assimilação com a comunidade anfitriã (italianos e espanhóis).

21 O censo de 2020 foi adiado por causa da pandemia de COVID-19 e acontecerá em agosto de 2022. Quanto às línguas, apresentará idêntica falta de dados completos, já que repete o mesmo modo de questionamento de aquele de 2010. Pode comprovar-se no questionário básico que será utilizado, disponível no site do próprio censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), consultado em 05-07-2022: <https://censos.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>. Trata-se das questões 4.04 “Fala língua indígena no domicílio? (Considere também o uso de língua de sinais)” e 4.05 “Fala português no domicílio?”.

mais faladas do que as do macro-jê (IBGE, 2012, p. 90). As dez línguas mais faladas seriam: tikúna, guarani kaiowá, kaingáng, xavánte, yanomámi, guajajára, mawé, teréna, língua geral amazônica e tukáno (*Ibidem*, p. 97). A maioria dos falantes de línguas indígenas se concentra nas regiões Centro-Oeste e Norte, porém, se considerarmos os falantes que moram nas denominadas Terras Indígenas, destacam o Centro-Oeste e o Sul, seguidos de perto pelo Norte²².

Quanto ao status legal atual das línguas, na Constituição brasileira de 1988, dentro do Capítulo III “da nacionalidade”, o Artigo 13 estabelece que “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”²³. A norma faz referência também às línguas indígenas:

-O artigo 210, parágrafo 2º, reconhece às comunidades indígenas o uso da língua materna no ensino fundamental, direito que será desenvolvido nos artigos 78 e 79 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Oliveira, 2008, p. 9).

-O capítulo VIII “dos índios”, artigo 231, indica: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições [...]”.

As Diretrizes e Bases da Educação reconhecem igualmente (artigo 78-A) o direito dos surdos à educação bilíngue e à valorização da sua língua, a língua brasileira de sinais (Libras), que foi reconhecida como “meio legal de comunicação e expressão” por Lei Nº 10.436 (24-04-2002). Atendendo à mencionada lei, portanto, o Brasil poderia considerar-se como um país oficialmente no mínimo bilíngue.

Além disso, a cooficialização no âmbito municipal tem sido um dos principais modos de consecução de reconhecimento oficial para línguas no Brasil. São Gabriel da Cachoeira (Amazonas) iniciou o caminho em 2002 decretando cooficiais as línguas tukano, baniwa e nheengatu (Morello, 2016, p. 434). Atualmente, têm consideração de cooficiais 13 (ou 15) línguas indígenas em 10 (ou 12) municípios (tukano, baniwa, nheengatu, ianomami, guarani, akwê-xerente, macuxi, wapichana, mebêngôkre/kayapó, tenetehara/guajajara, tikuna, tupi-nheengatu, terena, ingaricó e saterê mauê) e 6 línguas alóctones em 31 (ou 33)

22 Vale notar que a distribuição das línguas indígenas mais faladas difere entre as Terras Indígenas, onde encontram-se em geral mais falantes das diversas línguas, e fora desses territórios. De outra parte, é interessante assinalar que há falantes de línguas indígenas que indicaram não falar português, especialmente nas Terras Indígenas, mas também aproximadamente 5000 em Paraná (*Ibidem*, p. 173).

23 Consultada em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm [05-05-2022].

municípios (pomerano, talian, alemão, platdüütsch-sapato de pau, hunsriqueano/hunsrik e dialeto trentino)²⁴

Por sua vez, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Brasil (INDL), foi criado por Decreto Federal n. 7.387, de 09 de dezembro de 2010, como “instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”²⁵. O INDL conta com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e considera “línguas brasileiras [...] todas as línguas territorializadas no país há pelo menos três gerações, sejam elas indígenas, de descendentes de imigrantes, de remanescentes afro-brasileiros, de sinais e crioulas” (Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística, em Morello, 2019, p. 433), além do português e as suas variedades. As línguas inventariadas recebem do Ministério de Cultura o título de Referência Cultural Brasileira e são objeto de proteção, valorização e divulgação. O INDL encontra-se em andamento, com as dificuldades apontadas acima pela falta de dados do censo de 2010. Atualmente, o Iphan e o Ministério de Cultura reconheceram sete línguas como Referência Cultural Brasileira, sendo seis indígenas (asurini, guarani m'bya, nahukuá, matipu, kuikuro e kalapalo) e uma de imigração (o talian)²⁶.

Diante do exposto, portanto, parece claro que a realidade linguística do Brasil está longe de uma situação de monolinguismo em português e, pelo contrário, revela um país dos mais multilínguas do mundo.

3.2 A cidade objeto da pesquisa: Curitiba.

3.2.1 Etimologia e história.

A capital paranaense forma parte do grupo minoritário de capitais brasileiras que tem um nome com origem em línguas indígenas, o 24%, frente ao 76% no português (Isquerdo, 2014, p. 84). Duas procedências diferentes têm sido apontadas:

-Na família linguística tupi-guarani, *curii* significaria pinheiro, pinha ou pinhão e o sufixo *-tiba* indicaria grupo, reunião, pelo que Curitiba poderia traduzir-se como pinhais, pinhal ou pinheirão (Chmyz, 1995, p. 42, citando Martins). De forma mais detalhada, Rodrigues (1995, p. 225 e ss.) explica a origem guarani de Curitiba, que “significa ‘pinhal’

24 Dados tomados do site do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas (IPOL) <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/> [consulta em 09-05-2022].

25 Tomado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm [consultado em 09-05-2022].

26 Tomado do site do Iphan, no espaço dedicado ao INDL, <http://portal.iphan.gov.br/indl> [consulta em 09-05-2022].

(ou, como se diz mais freqüentemente no Paraná, ‘pinheiral’). Trataria-se de um exemplo de topónimo clássico, com origem no guaraní antigo²⁷, provavelmente na palavra composta *kuri* ‘*ytyba*, formada pela raiz *kuri* ‘*yb*, que designa o característico pinheiro de Paraná (*Araucaria angustifolia*), uma outra raiz *tyb*, utilizada para indicar um “lugar onde existem (em abundância) as coisas designadas por esses nomes”, mais o sufixo flexional sintático *-a* (*Ibidem*)²⁸. Nas transcrições de palavras do guarani, “o apóstrofo representa a consonante oclusiva glotal e a letra *y* representa a vogal alta central não arredondada” (*Ibidem*, p. 231), e na adaptação ao português, a consonante glotal desapareceria e a “*y*” será transformada em “*i*”, no caso de “Curitiba”, ou em “*u*”, em outros topónimos (“Atuba, Guaratuba”) e em grafias como “Curituba”. De fato, parece ser mais comum na região encontrarmos topónimos em “-tuba/-tuva”, sendo “Curitiba” exceção. O autor o explica indicando que provavelmente “Curitiba” foi uma adaptação criada a partir de uma palavra tomada da língua geral brasílica e não diretamente da língua falada pelos índios guarani. Deste modo, falantes da língua geral de áreas onde seria mais comum a terminação em “-tiba” teriam adaptado o topónimo guarani como “Curitiba”²⁹.

-Segundo a tradição dos índios kaingang (da família linguística *jê*), *Curiy-tim!* seria uma expressão usada no momento de abandonar o território na chegada dos europeus, com um significado similar a “vamos embora!” (Chmyz, 1995, p. 42, citando Martins). No entanto, essa possível procedência kaingang do nome seria para Rodrigues (1995, p. 244) simplesmente “uma reivindicação etimológica” por parte de falantes de uma língua de diferente tronco (família *jê*), sendo o mais provável a origem guarani.

Precisamente seriam povos indígenas, relacionados com as famílias linguísticas *jê*, de uma parte, e tupi-guarani, da outra, os que habitavam a área do planalto curitibano antes da chegada dos portugueses, nos finais do século XV. Quanto ao primeiro grupo, poderiam ser índios kaingang ou xokleng, que teriam se afastado da área posteriormente. Quanto ao segundo, teríamos o contato entre as culturas tupi do litoral e guarani do interior (Chmyz, 1995).

27 O autor utiliza “guarani antigo” para diferenciá-lo do guarani falado na atualidade.

28 Rodrigues (1995, p. 228) apresenta formas documentadas nas obras do padre jesuíta António Ruíz de Montoya do século XVI (um vocabulário espanhol-guarani e um dicionário guarani-espanhol, denominado *Tesoro de la lengua guarani*, 1639, 1640): *curi i* (*kuri* ‘*y*), para “pinheiro” e “pinhões com casca”, *kuri i á* (*kuri* ‘*y* ‘*á*) (literalmente ‘frutos do pinheiro’) para ‘pinhões’, e *curiibaŷi* (*kuri* ‘*yba* ‘*yŷi*) ‘pinhões descascados’ (literalmente ‘sementes de pinheiro’), dentre outras.

29 Rodrigues (1995) salienta que Ébano Pereira, figura fundamental na exploração do ouro na região de Curitiba, era do Rio de Janeiro, área onde era mais comum a terminação em “-tiba”. Como ele, é possível que outros mamelucos falantes da língua geral e originários de áreas em “-tiba” tenham transmitido a sua forma de adaptar o guarani em “-tyba”.

Diversas passagens e explorações em procura de ouro e índios por parte dos portugueses teriam acontecido na região desde finais do século XVI e especialmente na primeira metade do século XVII. As expedições seriam devidas principalmente a bandeirantes paulistas que, com o objetivo de apressar índios, desceriam em direção sul seguindo o rio Ribeira e o seu afluente, o Assungui, mas também à iniciativa de particulares a procura de metais preciosos, muitos deles chegados subindo a Serra do Mar desde Paranaguá (Nadalín, 2017). O ouro foi finalmente encontrado e foram concedidas as primeiras sesmarias (Westphalen, 1995)³⁰. O primitivo assentamento de mineiros, a “Vilinha”, encontraria-se ao longo do caminho do Itupava, entre os rios Bacacheri e Atuba (Chmyz, 1995). Posteriormente, o povoado teria sido transferido para a atual área da Praça Tiradentes, no centro da atual Curitiba³¹. Com data de quatro de novembro de 1668, foi assinada a ata do levantamento do pelourinho na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais³², já na nova localização, e em 29 de março de 1693 teve lugar a criação da justiça e a eleição dos membros da Câmara Municipal (Westphalen, 1995)³³. Curitiba, portanto, surgiu no século XVII, como a maioria das capitais brasileiras, concretamente o 30% (Isquerdo, 2014, p. 11)³⁴, e constitui a capital mais antiga da região sul do Brasil. Do ponto de vista administrativo, a cidade estava na órbita da Capitania de Santana, depois Capitania de Paranaguá. Já no início do século XVIII, essa Capitania se integrará na de São Vicente e Santo Amaro, formando a Capitania de São Paulo.

Com a diminuição da atividade aurífera, a criação de gado será uma das atividades económicas chave para o desenvolvimento da região (Nadalín, 2017). A atuação dos bandeirantes, que capturam indígenas nos grandes povoamentos no oeste do atual Paraná e nas reduções dos jesuítas, que terminam fugindo com os índios mais para o Sul, criaram uma vasta região praticamente desocupada, apta para a pecuária e que permitia à metrópole ocupar territórios cada vez mais a oeste da linha de Tordesilhas. Além disso, a indústria do

30 Eleodoro Ébano Pereira, General das Canoas de Mar e Guerra, teria descoberto ouro na região por volta de 1639, o que confirmariam documentos de 1648 (carta patente para administrar minas) e 1649 (informe sobre minas de Paranaguá). Citando Júlio Moreira, Westphalen (1995, p. 102) indica que anos antes da instalação do Pelourinho e da Câmara Municipal, existiriam já 12 sesmeiros nessa área.

31 Westphalen (*Ibidem*, p. 100), citando Júlio Moreira, assinala que a mudança teria acontecido em 1654, passando a antiga Vilinha a ser conhecida como Vila Velha, enquanto o novo povoado seria chamado de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

32 Em nome do Donatário Marquês de Cascais, foi o capitão mor, Gabriel de Lara, quem levantou o pelourinho e assinou a ata junto com outros 17 moradores.

33 Algumas denominações da cidade ao longo do tempo foram Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais —na carta de solicitação da instalação da Câmara por parte dos moradores, em 1693 (*Ibidem*, p. 67)—, “Nossa Senhora da Luz, [...] Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, Nossa Senhora da Luz de Curitiba e, afinal, Curitiba” (Rodrigues, 1995, p. 245).

34 Trata-se do século em que apareceu o maior número de capitais brasileiras, seguido pelo século XVI (26%), XIX (18%), XVIII (15%) e XX (11%) (*Ibidem*).

couro parecia ser também uma opção. Finalmente, com a descoberta das Minas Gerais, a região a sul de São Paulo se integra na economia da colônia como fornecedora de mulas, carne e cavalos, principalmente. Gradativamente, Curitiba centraliza, em menor grau que São Paulo, atividades relacionadas com pecuária, transporte de mercadorias e aventuras de expansão territorial e, com a construção em finais da década de 1720 da estrada que ligava Viamão (Rio Grande do Sul) com os Campos Gerais de Paraná e os mercados de gado de São Paulo (principalmente, Sorocaba), adquire uma maior importância estratégica e administrativa (Nadalin, 2017). As expedições guerreiras no contexto da assinatura do Tratado de Madri (1750), o tropeirismo e a pecuária, estariam na base da fundação de diversas vilas e povoados na região de Paraná, que continua o seu desenvolvimento.

Já durante o século XIX, a exploração da erva-mate e da madeira, e mais tarde uma área de plantações de café no Norte, se incorporam à economia da região. Curitiba substitui Paranaguá como sede da 5ª Comarca da então Província de São Paulo e em 1853 a Província do Paraná consegue emancipar-se de São Paulo, fixando-se a capital em Curitiba (1854), que tinha sido elevada à categoria de cidade em 1842. O final da escravidão e a necessidade de povoar e explorar enormes territórios acarretou a chegada de grandes massas de imigrantes³⁵. No sul do Brasil, camponeses alemães, italianos, poloneses e ucranianos são os grupos majoritários, destinados a trabalhar a terra em regime de minifúndio para garantir mantimentos aos centros urbanos, o que propiciou a criação de numerosas colônias de imigrantes no Paraná, incluindo umas 40 em Curitiba (Kanashiro, 2006, p. 24)³⁶. Entre 1890 e 1896, 28000 imigrantes chegaram na capital paranaense e outros 27000 entre 1907 e 1914, triplicando-se a população entre 1890 e 1914 (*Ibidem*, p. 24)³⁷.

Os alemães foram dos primeiros grupos de europeus que migraram para o Brasil em grandes grupos no século XIX³⁸. A primeira colônia no Paraná, Rio Negro, seria fundada em 1829, e muitos alemães reemigrariam desde aí para Curitiba na década de 1830. Entre essa data e a década de 1870, somariam-se vários agrupamentos em Curitiba e em

35 Até 1929 teriam entrado no Brasil aproximadamente 1,5 milhão de italianos, 1,3 milhão de portugueses, mais de 500000 espanhóis, mais de 200000 alemães e mais de 80000 japoneses (Gregory, 2007, p. 145).

36 Rio Negro (1829), Thereza (1847) e Superaguí (1851), antes da criação da Província de Paraná (1853), e Assunguy (1860), Argelina (1968) e Pilarzinho (1870), depois, foram as primeiras. Na década de 1870 foram criadas 21 colônias e 11 na década de 1880 (Kanashiro, 2006, p. 175). Algumas eram de etnias mistas e outras eram ocupadas de forma homogênea por um único grupo (italianos ou poloneses, principalmente).

37 Nadalin (2017) distingue o período da imigração patrocinada desde o poder público, entre 1850 e 1880, em que se instalaram perto da capital paranaense alemães, suíços, italianos, poloneses, franceses, ingleses e suecos, e uma segunda etapa em que sociedades privadas patrocinam o processo migratório, entre 1885 e 1911, quando aproximadamente 70000 imigrantes foram levados para o Paraná, principalmente italianos, alemães, poloneses e holandeses.

38 As primeiras comunidades foram estabelecidas em 1818 no Rio de Janeiro (Petrópolis e Nova Friburgo) e Bahia (Leopoldina e São Jorge dos Ilheus) e em 1824 no Rio Grande do Sul (São Leopoldo).

outras regiões³⁹. Santana (2010, p. 236) estabelece três grandes períodos de imigração alemã no Brasil: 1824 com os primeiros grupos, meados do século XIX até a década de 1870 e o começo do século XX⁴⁰.

Quanto aos italianos, o fluxo de imigrantes aumentou a partir de 1836, especialmente destinados para as grandes lavouras de café. No Paraná, os primeiros grupos chegaram na década de 1870 e instalaram-se na colônia Assunguy, perto de Curitiba, e posteriormente em várias outras, principalmente em terrenos rurais⁴¹. Ao todo, aproximadamente 1,4 milhão de italianos migraram para o Brasil entre 1870 e 1920 (período conhecido como “grande migração”), o 42% do total de emigrantes chegados (Gomes, 2007, p. 161).

A imigração polonesa foi uma das mais intensas no Paraná e aconteceu nas décadas de 1880 e 1890, especialmente⁴². Mas de 100000 poloneses emigrariam para o Brasil até 1914, data da última leva importante, sendo o Paraná o território que mais poloneses recebeu (mais do 40%)⁴³ (Rocha, 2015). Depois da Segunda Guerra Mundial ainda chegariam no Brasil alguns milhares, que se fixariam principalmente em núcleos urbanos de São Paulo e Paraná.

Por sua vez, grandes grupos de ucranianos, especialmente da região da Galícia e Bukovina⁴⁴, chegaram no Paraná em três momentos diferentes: a partir de 1895 e com posterioridade a cada uma das duas guerras mundiais, especialmente depois da segunda, e superariam os 60.000 imigrantes (Boruszenko, 1995)⁴⁵.

No século XX, a imigração e a ocupação do território continuaram, especialmente no norte do Paraná pelo grande impulso da atividade cafeeira, transformando-se no

39 Na região de Curitiba, houve alemães nas colônias de Assunguy, Pilarzinho e Muricy, dentre outras (Kanashiro 2006, p. 175). Instalaram-se também em Ponta Grossa, Palmeira, Lapa e no litoral paranaense.

40 Poderiam ser mais de 200000 os imigrantes alemães no Brasil no período entre 1820 e 1937 e mais de 700000 em números absolutos, com grandes comunidades no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, principalmente, mas também no Paraná, São Paulo e outros estados (*Ibidem*, p. 238).

41 Os italianos ocuparam em Curitiba tanto colônias mistas, como Argelina, Pilarzinho e Orleans, quanto outras homogêneas, como Alfredo Chaves (atual Colombo), Santa Maria do Novo Tirol (Piraquara), Senador Dantas (atual bairro de Água Verde), Santa Felicidade e Campo Magro (no bairro e municipalidade do mesmo nome, respectivamente), por exemplo. Outras foram criadas sem sucesso no litoral, reimigrando seus moradores para a capital.

42 A partir do último quartel do século XVIII e durante o XIX, Rússia, Prússia e Áustria controlavam grandes partes do território de Polónia.

43 Os poloneses concentraram-se no entorno da capital curitibana, em várias colônias como Tomás Coelho (atual município de Araucária), Lamenha Lins (em Almirante Tamandaré), Santa Cândida (entre os rios Bacachery e Atuba), Antônio Olinto (no município de Lapa), Orleans (entre os rios Passa-Una e Bacachery), Pilarzinho e Abranches (nos bairros do mesmo nome), entre outras (Kanashiro 2006, p. 175).

44 Na época estavam sob domínio da Áustria.

45 Instalaram-se no entorno de Curitiba nas colônias de Santo Inácio, Riviere e Antônio Olinto (Kanashiro, 2006, p. 175). Atualmente, há grupos de descendentes de ucranianos nos bairros de Curitiba de Bigorrihlo, antigo Campo da Galícia, Vila Guaíra, Portão, Pinheirinho, Abranches e Fazendinha. Calcula-se uma população de aproximadamente 400000 descendentes de ucranianos no Brasil, a grande maioria residentes no Paraná, especialmente em Prudentópolis (75%) (Boruszenko, 1995).

principal produtor do Brasil⁴⁶. A partir da segunda metade do século, intensifica-se a industrialização do estado, até então muito básica, e Curitiba aumenta progressivamente a sua população (entre 1950 e 1980, se duplica a cada 10 anos) e a sua importância político-administrativa e econômica. Com os diversos planos urbanísticos, destacando o Agache (1941-1943) e o Serete (1965) (Kanashiro, 2006), a cidade continua o seu desenvolvimento, adquirindo com o passar do tempo a fisionomia que encontramos hoje em dia. Curitiba seria “a única metrópole brasileira que incorporou como seus bairros, no processo de urbanização e expansão, antigas colônias de imigrantes” (Kanashiro 2006, p. 223).

3.2.2 Curitiba na atualidade.

Segundo dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴⁷, a população estimada da capital analisada é de 1963726 habitantes (2021), o que a situa como o município mais populoso do estado do Paraná e o oitavo do Brasil⁴⁸. Conta com uma taxa de crescimento anual de 0,99% (2010) e uma densidade de 4027,04 hab/km² (2010), a maior do Paraná, a 22º no total do país. Nesse mesmo censo (2010), 2693 residentes em Curitiba se auto declararam como indígenas, constituindo a maior população indígena do Paraná. Porém, não conseguimos dados sobre quantos deles falam línguas diferentes do português.

Interessa para o nosso trabalho indicar a população estrangeira, já que pode ser indicador da convivência de várias línguas na cidade. No censo de 2010 figuram 13160 residentes nascidos fora do Brasil, 8871 de nacionalidade estrangeira e 4289 brasileiros naturalizados⁴⁹. Infelizmente, o IBGE não oferece informação sobre a nacionalidade concreta⁵⁰.

De outra parte, dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra)⁵¹, indicam que entre o ano 2000 e o primeiro trimestre de 2020, no Paraná se registraram

46 Várias cidades foram fundadas no Paraná no século XX: Cornélio Procópio (1924), Londrina (1930), Maringá (1947), Cianorte (1953), Umuarama (1955), etc.

47 Dados tomados de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama> [consulta em 12-05-2022].

48 Em 2010, data do último censo realizado pelo IBGE, a população era de 1751907 habitantes.

49 A maioria dos estrangeiros (5727) e dos brasileiros naturalizados (3634), fixaram a sua residência em Curitiba no ano 2000 ou antes.

50 Apenas conseguimos dados específicos sobre línguas estrangeiras ou nacionalidades de residentes estrangeiros ou brasileiros naturalizados em Curitiba. A partir de informes do Observatório das Migrações Internacionais (OB Migra), coletamos algumas informações, como que 330 migrantes foram registrados em 2020 em Curitiba ou que no terceiro trimestre de 2016 houve 367 trabalhadores estrangeiros admitidos e 821 demitidos no mercado formal de trabalho.

51 Con anterioridade a 2018 era denominado Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (Sincre) e coleta informação sobre estrangeiros que solicitam emissão de Registro Nacional Migratório (RNM), anteriormente Registro Nacional de Estrangeiro (RNE). Os dados foram acessados em <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincre-sismigra/> [consulta em 18-05-2022].

92735 estrangeiros e em Curitiba, 34505. Especificamente na capital, 14156 solicitaram visto permanente ou de residente⁵² e se observa um aumento considerável de registros desde 2012. Por nacionalidades, em Curitiba destacaram os haitianos (6158), venezuelanos (2772), americanos (2400), franceses (2324), argentinos (2240), alemães (1728), colombianos (1494), chineses (1333) e mexicanos (1011), e são maioritários os falantes de espanhol (mas de 12000), francês (aproximadamente 9000), inglês (mais de 3000) e alemão (mais de 1900). Se focamos nos dados referentes a 2019⁵³, foram cadastrados no Paraná 11232 estrangeiros e em Curitiba 3616⁵⁴, a maioria venezuelanos (1551), haitianos (588), colombianos (160), argentinos (157), franceses (90) e americanos (75), com destaque para a presença de falantes de espanhol (mais de 2000), francês (mais de 600), inglês e árabe (aproximadamente 140).

Com relação a turistas estrangeiros, 1006752 chegaram no Paraná em 2019 (Governo do Estado do Paraná, 2021: 10)⁵⁵. As nacionalidades maioritárias foram argentinos e paraguaios (mais de 300000 cada um); americanos, franceses e espanhóis (mais de 30000 cada um); alemães, britânicos e peruanos (mais de 20000 cada um); e italianos, coreanos do sul, colombianos, chilenos, mexicanos e japoneses (mais de 10000 cada). Destacam, portanto, os falantes de espanhol (mais de 600000) e inglês (mais de 50000) (*Ibidem*). Sobre Curitiba, em 2018 recebeu 264000 turistas internacionais (Prefeitura de Curitiba, 2019: 6), destacando argentinos, estadunidenses, paraguaios, mexicanos e chilenos⁵⁶.

Para conhecer o número total de estrangeiros residentes em Curitiba, consultamos dados do Conselho Nacional para os Refugiados (CONARE)⁵⁷. Entre 2013 e 2019, solicitaram refúgio na capital paranaense 640 pessoas procedentes dos seguintes países: Síria (232), Venezuela (200), Haiti (93), Guiné-Bissau (38), Cuba (33), República Democrática do Congo (23), Angola (14) e Nigéria (6).

Do ponto de vista econômico, o PIB de Curitiba foi em 2019 de 96088148,89 RS, o maior do Paraná e o quinto no total do Brasil, destacando o setor de serviços, que aporta um valor superior à soma das restantes atividades econômicas, isto é, indústria,

52 Os dados por tipo de visto foram: temporário 20135, permanente 11923, residente 2233, outro 146, provisório 67, sem informação 1.

53 Trata-se do último ano com dados completos, além de ser o ano prévio à pandemia de COVID-19, com as distorções que isso ocasionou nos fluxos internacionais de pessoas.

54 Solicitaram visto temporário 3107 e 509, o de residente.

55 Os dados apontam para o Paraná como o terceiro estado mais utilizado pelos turistas estrangeiros para entrarem no Brasil em 2019 (*Ibidem*, p. 8).

56 Não conseguimos dados sobre a quantidade concreta de turistas internacionais de cada nacionalidade.

57 Os dados foram obtidos em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/microdados/2-sem-categoria/401421-conare> [consulta em 18-05-2022]. Trata-se de informação orientativa, já que a solicitação de refúgio em Curitiba numa dada data não implica que essa pessoa continue morando nessa cidade.

agropecuária e administração⁵⁸. O PIB per capita foi de 49706,64 RS em 2019, o 33º no estado e o 455º no país e a cidade conta com um índice de desenvolvimento humano de 0,823 (2010).

3.2.3 O Calçadão da XV.

Quanto ao território, segundo o IBGE, Curitiba ocupa uma extensão de 434,892 km² (2021). Administrativamente está dividida em 10 regionais⁵⁹, cada uma formada por diversos bairros. O objeto do nosso trabalho é o Calçadão da XV, situado no bairro Centro, que pertence a regional Matriz⁶⁰. Trata-se de uma área pedestre formada por uma parte da rua XV de Novembro e da Avenida Luíz Xavier situada entre a Rua Presidente Faria (nas proximidades da Praça Santos Andrade) e a Praça General Osório.

Segundo o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) (Wons, 2015), o bairro centro ocupa uma área de 3,28 Km² (0,76% do território de Curitiba) onde, economicamente falando, destacam os estabelecimentos do setor de serviços (56,03%) e comércio (37,10%). Conta com uma população de 37283 habitantes, com uma idade média de 38,4 anos e com uma densidade demográfica de 113,56 hab./hectare. Não contamos com dados exatos sobre a população estrangeira e de brasileiros naturalizados.

O Calçadão da XV foi o primeiro caso do Brasil de transformação de uma rua em um espaço de uso exclusivo para pedestres, fato que aconteceu em 1970 (Boreki, em Dittrich *et al.*, 2015, p. 176). Historicamente, a Rua XV de Novembro teve outras denominações, como Rua das Flores —devido às flores que os moradores costumavam colocar em casas e lojas— pelo menos desde 1830, ocupando apenas três quadras, como figura no mapa a seguir (Trevisan, 2000, p. 25):

58 Os dados do IBGE de 2019 para cada um dos setores seriam: serviços, 54620794,72 RS; indústria, 16305907,55 RS; agropecuária, 13072,87 RS; e administração, 9126350,57 RS.

59 São elas: Bairro Novo, Boa Vista, Boqueirão, Cajuru, Cidade Industrial de Curitiba, Fazendinha/Portão, Matriz, Pinheirinho, Santa Felicidade e Tatuquara.

60 A Regional Matriz está formada pelos seguintes bairros: Ahú, Alto da Glória, Alto da XV, Batel, Bigorrião, Bom Retiro, Cabral, Centro, Centro Cívico, Crito Rei, Hugo Lange, Jardim Botânico, Jardim Social, Juvevê, Mercês, Prado Velho, Rebouças e São Francisco.

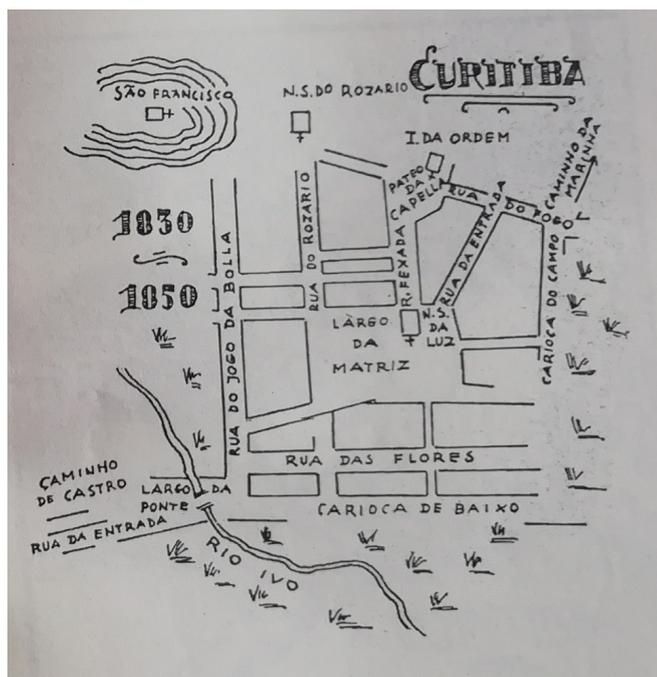


Figura n.º 2: Mapa de Curitiba entre 1830 e 1850. Fonte: Jornal “O Estado do Paraná”, 26-04-1968, em Trevisan 2000, p. 25.

Em 1880, como homenagem à visita do Imperador do Brasil D. Pedro II e a sua esposa D. Tereza Cristina a Curitiba na ocasião da construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá, foi mudado o nome para Rua da Imperatriz. Já contava com iluminação a gás e começariam a aparecer os bondes de tração animal (Boschilia, 1996). O nome atual de Rua Quinze de Novembro foi adotado em 1889, comemorando desse modo a data da proclamação da República (Dittrich *et al.*, 2015, p. 176). Nessa época, a rua constitui uma das principais ligações este-leste da cidade e articula os dois principais novos equipamentos de Curitiba: a estação ferroviária (1895) e o Passeio Público (1896). Nos finais do século, a rua tem calçamento, eletricidade e água encanada (Boschilia, 1996, p. 7) e intensifica-se a atividade comercial, sempre presente. Já na década de 1850, por exemplo, conhecemos da existência de “dois armazéns de secos e molhados, duas lojas de alfaiates, uma casa de bilhar e um ponto comercial onde alugavam-se cavalos” (Boschilia, 1996, p. 3). No plano a seguir, de finais do século XIX, podemos observar a grande variedade de estabelecimentos comerciais, presente na rua (Boschilia, 1996, p. 100).



Figura n.º 3: Plano de imóveis da Rua XV em finais do século XIX. Fonte: Boschilia, 1996, p. 100⁶¹.

Além do comercial, a Rua XV de Novembro teve sempre um caráter social, sendo um dos principais pontos de encontro, lazer e vitrine pública. Junto das diversas lojas, aparecem confeitarias, cafés, clubes sociais e jornais e a via é utilizada em eventos públicos. Avançando o século XX, concentraram-se na área da Avenida Luíz Xavier que liga a XV com a Praça Osório, vários cinemas de rua —hoje desaparecidos— pelo que é conhecida como “cinelândia”. Trata-se da rua mais importante da cidade, também cenário perfeito para o “footing”, isto é, passeios visando o flerte. A Universidade Federal do Paraná tem sede na praça Santos Andrade (década de 1930) e a política fica presente em tertúlias e cafés, com o poder estadual e municipal situados perto da XV⁶².

61 Sob a epígrafe “outros” estariam as moradias.

62 No trecho entre as ruas Marechal Floriano e Monsenhor Celso funcionava o conhecido como “Senadinho” (entre 1920 e 1950, aproximadamente), com tertúlias e encontros nos vários cafés, restaurantes e livraria existentes, além de no exterior da editora da Gazeta do Povo, onde eram fixadas as últimas notícias. Posteriormente, desde a década de 1950, na área da Rua Luíz Xavier, que une a XV de Novembro com a Praça Osório, funciona um espaço aberto de debate político e conversas informais muito popular conhecido como Boca Maldita, ainda ativo na atualidade (Dittich *et al.*, 2015).

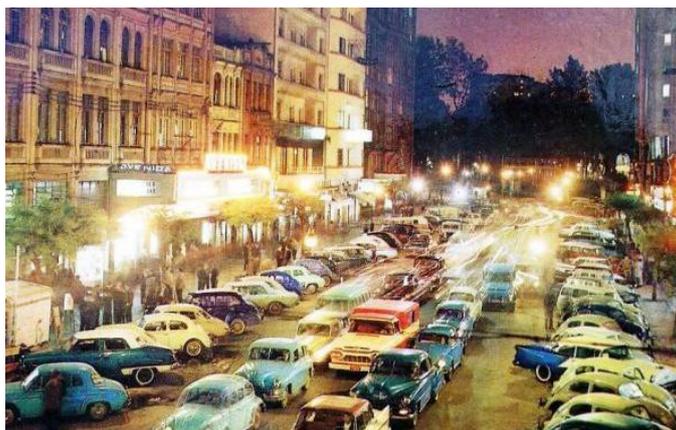


Figura n.º 4: Trânsito na “Cinelândia” da XV de Novembro, com a Praça Osório no fundo. Meados da década de 1960. Fonte: Site Curitiba Antiga, em Leitoles, 2016, p. 82.

No entanto, com o forte aumento da população e o desenvolvimento da cidade, o tráfego de veículos privados e de transporte coletivo vinha adquirindo uma densidade crescente no local desde a década de 1950, o que acelerou a implantação do Calçadão em 1972⁶³. Desde então, a nova via pedestre modula a fisionomia da região, incorporando mobiliário urbano e permitindo à população usufruir lazer e comércio sem a interferência dos veículos.

Já na década de 1990, diversas mudanças na cidade restam importância à rua XV e acentuam a progressiva alteração do perfil do público e dos estabelecimentos. O crescimento de diversos bairros (Batel, Alto da XV, Alto da Glória e outros) implicam certo abandono do centro como local de moradia preferido pelas classes de rendas médias e altas, que também optam para o lazer pelos shopping centers ou pelos diversos equipamentos agora espalhados pela cidade (Leitoles, 2016). Os produtos e serviços, otrora preferentemente voltados para um público com alto nível de recursos, deixarão progressivamente espaço na XV para a incorporação de lojas mais populares.

Na atualidade, com pouquíssimas exceções, a rua XV continua com a sua faceta comercial, caracterizada por uma grande rotatividade na ocupação dos espaços, enquanto fora dos horários comerciais apenas há atividade. Desde 1974, a “Paisagem Urbana”, formada pelas praças Osório e Santos Andrade e a via que liga as duas (formada por parte das ruas Luíz Xavier e XV de Novembro) e que inclui, portanto, o Calçadão da XV, constitui um bem tombado pelo Governo do Estado do Paraná (Ciffoni, Sutil e Baracho,

⁶³ Para Dittrich *et al.* (2015, p. 179), a transformação estava já prevista no Plano Diretor da Cidade de 1966. O calçadão teria sido ideado pelo arquiteto Abrão Assad e foi implantado com o também arquiteto Jaime Lerner como prefeito.

2006)⁶⁴. Como tal, várias normas aplicam quanto à disposição da publicidade no local, porém sem afetar a língua ou línguas que devem ser utilizadas.

Pelo até aqui apresentado, retomando o objetivo do presente trabalho, as diversas fontes de dados consultadas oferecem uma imagem de Curitiba como uma metrópole conformada por grupos de origem diversa onde parece certa a presença, em maior ou menor medida, de várias línguas diferentes do português, o que justificaria um estudo da sua paisagem linguística como o que aqui abordamos. Para acotar o objeto de análise e pela sua representatividade, consideramos adequado focar no Calçadão da XV de Novembro.

4 Discussão dos dados.

O corpus de análise ficou constituído por um total de 324 unidades, que foram contabilizadas incluindo tanto estabelecimentos diversos, quanto diferentes tipos de administrações públicas, e mensagens de particulares e coletivos. Os suportes dos textos também oferecem uma grande variedade: letreiros e cartazes comerciais, grafites e adesivos, placas comemorativas, sinais de trânsito, etc. Quanto às línguas da PL do espaço objeto de estudo, foram encontradas 17⁶⁵: alemão, árabe, chinês, espanhol, família tupi-guarani⁶⁶, francês, grego antigo, holandês, inglês, italiano, japonês, latim, Libras, polonês, português, russo e outras⁶⁷.

Na tabela n.º 1, a seguir, apresentamos a quantidade de línguas presentes nas unidades de análise.

64 No entanto, a área que estamos estudando não está incluída na lista de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Pertencem a essa lista o Paço da Liberdade (Praça Generoso Marques) e o Edifício Central da Universidade Federal do Paraná (Praça Santos Andrade), muito próximos da Rua XV, além de outros bens curitibanos como o Acervo do Museu Coronel David Carneiro, Acervo do Museu Paranaense e Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba. Encontram-se em processo de instrução: Instalações de Água Potável de Curitiba, Palácio Garibaldi, Autódromo e Museu Oscar Niemeyer.

65 As escassas ocorrências de árabe, família tupi-guarani, grego antigo, japonês e russo foram encontradas em alfabeto latino. No caso do chinês, apareceu com seus próprios ideogramas e a Libras foi registrada em uma imagem contendo sinais próprios dela.

66 Sem considerar o léxico do português do Brasil com origem em línguas autóctones, foram encontradas três palavras de línguas indígenas: *Marumby*, *Itaiú*, *Ypióca*. Optamos por anotá-las como família tupi-guarani, por estarem esses termos relacionados com mais de uma língua dessa família e pela impossibilidade de esclarecer com certeza absoluta de qual delas poderia ter sido tomado.

67 Nessa categoria incluímos: ocorrências que poderiam ser atribuídas a mais de uma língua (por exemplo, o caso de *angel*, inglês ou espanhol, se esquecermos da ausência de acento agudo); outras que se aproximam de alguma sem, no entanto, serem uma palavra correta nessa língua (como *stillo*, próxima do espanhol *estilo* porém sem o *e*- inicial e com dupla *-ll-*, o que talvez lembraria da língua italiana, sendo o termo correto nessa língua, porém, *stile*); e também palavras e letras que não conseguimos relacionar claramente com uma língua concreta (por exemplo, mensagens com letras em numerosos adesivos ou o termo *Hai*, parte do nome de um grupo de lojas de roupas e complementos —Bali *Hai*—, que poderia estar relacionado com o inglês, o indonésio ou com o havaiano).

Número de línguas	Percentual de unidades (100% = 324)
1	48,8
2	38
3	10,5
4	2,2
5 ou mais	0,6

Tabela n.º 1: Número de línguas encontradas nas unidades de análise.

Podemos observar que quase a metade das unidades apresenta textos monolíngues, enquanto o 38% utiliza duas línguas. Por sua vez, são minoritárias aquelas que combinam textos em três línguas e muito mais ainda os casos de quatro ou mais. Todavia, se contrastamos unidades unicamente monolíngues com as que utilizam no mínimo duas línguas, este segundo grupo constitui mais da metade das unidades analisadas. Sendo assim, podemos afirmar que a PL da área pesquisada é maioritariamente plurilíngue⁶⁸.

A seguir, no gráfico n.º 1, figuram as línguas que aparecem na PL analisada e em quantas das 324 unidades. Os dados indicam o percentual de unidades em que foi encontrada cada língua e são apresentados em ordem decrescente das línguas com maior presença.

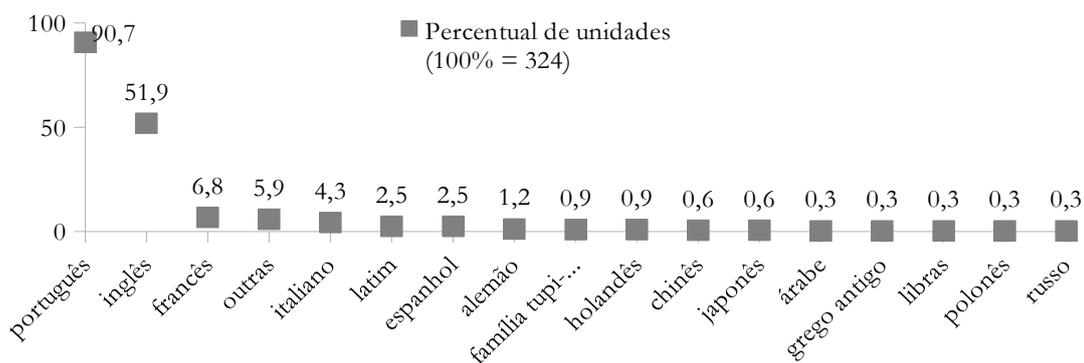


Gráfico n.º 1: Línguas presentes e percentual de unidades em que foram encontradas.

⁶⁸ Durante a apresentação dos dados, os termos *bilíngue* e *trilíngue*, indicam unicamente que há duas ou três línguas, respetivamente, em unidades, categorias, mensagens, etc., sem significar em nenhum caso, salvo indicação expressa, a existência de tradução parcial ou total da mesma mensagem nessas duas ou três línguas presentes.

Os dados do gráfico acima mostram como o português figura em mais do 90% das unidades, destacando sobre a segunda língua com maior presença, o inglês, que aparece em mais da metade. Atrás delas, só o francês alcança certa relevância (6,8%). Posteriormente figuram “outras línguas” (5,9%), o italiano (4,3%), o latim e o espanhol (2,5% cada um), e o alemão (apenas acima do 1%)⁶⁹. O resto de línguas ficam situadas todas abaixo do 1%, com a família tupi-guarani e o holandês quase alcançando essa cifra, porém todas elas com uma representação mínima. De fato, árabe, grego antigo, Libras, polonês e russo registraram uma única ocorrência, e chinês e japonês, duas.

Vale a pena salientar que o português não alcançou o 100% das unidades, o que indica que um percentual do 9% delas não inclui o português nas suas mensagens. O inglês, como língua hegemônica internacional, aparece amplamente representado, reduzindo talvez a possibilidade de outras línguas ocuparem esses espaços. É o caso tanto das línguas autóctones, praticamente ausentes, quanto das línguas faladas pelos grandes grupos de imigração, sendo o italiano a exceção, embora acreditemos que a sua presença se deva mais a conotações de tipo publicitário e comercial do que à existência de uma importante comunidade de falantes da língua ou de descendentes de italianos.

É também de notar a escassa relevância do espanhol, especialmente se considerarmos tanto a própria situação do estado do Paraná no entorno sulamericano, quanto as características que já foram apresentadas dos turistas (no estado e na capital) e dos estrangeiros demandantes de emprego em Curitiba, maioritariamente falantes de espanhol.

Por último, pode surpreender que uma língua sem falantes nativos como o latim ocupe mais espaço que outras das encontradas na pesquisa, o que parece apontar para um grande apelo comercial do latim para vários setores.

A seguir, analisamos em qual tipo de unidades aparecem as diversas línguas, de forma a estabelecer possíveis relações entre áreas de atividade ou tipo de mensagens e determinadas línguas. Como já explicado no apartado da metodologia, as unidades foram classificadas por categorias dependendo da área de atividade do estabelecimento ou do conteúdo de mensagens em grafites, adesivos, cartazes, etc. No gráfico n.º 2, a seguir, apresentamos as categorias classificadas em função do número de unidades que as constituem, de maior a menor.

⁶⁹ Lembrando que em “outras” encontramos também casos duvidosos entre italiano, inglês e espanhol, e termos próximos do italiano sem ser palavras corretamente escritas nessa língua.

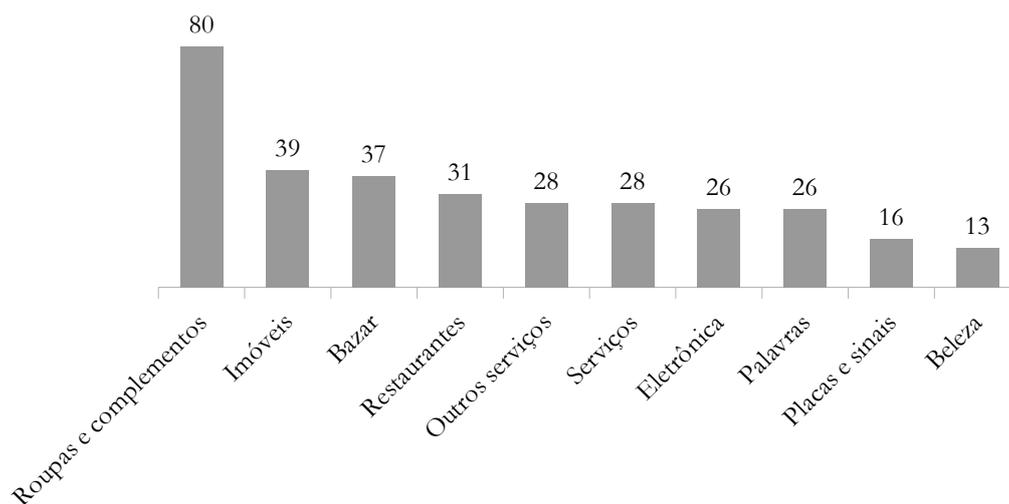


Gráfico n.º 2: Número de unidades em cada categoria.

O gráfico mostra claramente o marcado caráter comercial da área pesquisada, com destaque para o segmento de moda e complementos, o mais representado, com mais do dobro de unidades que os situados logo atrás dele, imóveis, bazar e restaurantes. Com quantidades similares seguem serviços e outros serviços, eletrônica e palavras, e fecham o gráfico, com menos unidades, o grupo de placas e sinais e o de beleza. Vale notar que os sinais de trânsito e as placas e postes com nomes das ruas, principalmente, bem como algumas placas comemorativas, embora presentes em grande número na área pesquisada, foram incluídas em umas poucas unidades que as englobam. No entanto, como veremos mais à frente, não constituem os tipos de textos com maior variedade de línguas.

No gráfico n.º 3, apresentamos as línguas presentes na PL analisada com o número de categorias em que foram registradas, levando em consideração que o número total dessas categorias é de dez. As línguas aparecem organizadas de maior a menor número de categorias.

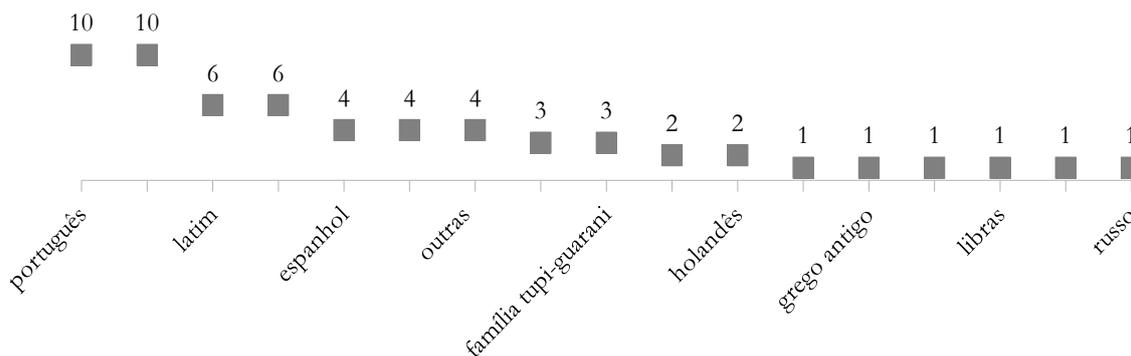


Gráfico n.º 3: Línguas e número de categorias em que foram registradas.

No gráfico destacamos como o inglês é a única língua que aparece em todas as categorias junto com o português, em mais uma prova da forte penetração dessa língua, não só no âmbito comercial e dos negócios, como também em mensagens de coletivos culturais e políticos, dentre outros. Vale notar novamente a discreta manifestação do espanhol, dadas as informações já comentadas sobre turistas e demandantes de emprego na cidade, além da situação geográfica do estado do Paraná. De forma talvez surpreendente, no entanto, o latim apresenta maior vitalidade, já que ocupa o segundo lugar no gráfico, junto com o francês, por ter sido utilizado em seis das dez categorias, muito mais do que o resto das línguas (menos português, inglês e francês). As línguas de imigração ocupam poucos grupos de unidades: italiano, quatro, empatado com o espanhol; alemão, três; japonês e polonês, um, igual que o árabe. A Libras, única com status de língua oficial junto com o português⁷⁰, ficou restrita a uma categoria só, enquanto a família tupi-guarani, única autóctone das presentes na PL pesquisada, apareceu em três categorias.

Na tabela n.º 2, a seguir, figuram as categorias de unidades e as línguas nelas utilizadas, de forma a podermos contrastar quais grupos utilizam uma variedade maior delas e quais línguas aparecem ou não em determinados setores. As categorias se apresentam organizadas de maior a menor número de línguas nelas encontradas e as línguas, em ordem alfabética.

⁷⁰ Considere-se o já assinalado sobre o assunto no apartado 3.1 sobre a situação lingüística do Brasil.

	Restaurantes	Beleza	Roupas e complem.	Serviços	Eletrônica	Bazar	Placas e sinais	Imóveis	Outros serviços	Palavras
alemão	+		+	+						
árabe	+									
chinês		+				+				
espanhol	+				+	+	+			
família tupi-guarani	+			+	+					
francês	+	+	+	+			+	+		
grego antigo		+								
holandês	+	+								
inglês	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
italiano	+	+	+					+		
japonês	+				+					
latim	+		+	+		+	+		+	
Libras					+					
outras		+	+	+						+
polonês	+									
português	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
russo	+									
Total de línguas	13	8	7	7	6	5	5	4	3	3

Tabela n.º 2: Línguas em cada categoria de unidades.

Dos dados da tabela anterior destacamos que em todas as categorias em que foram classificadas as unidades foram utilizadas no mínimo três línguas. Todavia, observamos uma grande diferença entre o grupo de unidades “restaurantes”, em que foi registrado o número maior, 13, e “outros serviços” e “palavras”, com unicamente três línguas, ou “imóveis”, com quatro, lembrando que, como comentado no gráfico n.º 2 acima, esta

última foi a segunda categoria com mais unidades de análise. Este fato influi sem dúvida na visibilidade das diversas línguas na PL: um grupo que contém muitas unidades que, porém, utilizam poucas línguas diferentes (o caso de “imóveis”) causará menor impacto nessa PL do que um grupo com similar quantidade de unidades que apresentem uma variedade maior (o caso de “restaurantes”). Vale notar que a quantidade maior de línguas encontrada em uma única unidade aconteceu no bar-restaurante *Mignon*, em que foram contabilizadas nove: alemão, espanhol, família tupi-guarani, francês, holandês, inglês, italiano, latim e português. A continuação, na figura n.º 5, podemos observar o cardápio do mencionado bar⁷¹.



Figura n.º 5: Cardápio exposto na fachada do bar *Mignon*. Fonte: Fotografia do autor.

O grupo “beleza”, que inclui o uso de ideogramas chineses, ocupa a segunda posição com oito línguas. Com sete encontramos “roupas e complementos”, lembrando que se trata da categoria com maior número de unidades (*vid.* gráfico n.º 2) e “serviços”, que apresentou um registro da família tupi-guarani, concretamente em uma unidade do setor bancário (*vid.* figura n.º 6, a seguir). Seis foram contabilizadas em “eletrônica”, em que foi anotada mais uma ocorrência da família tupi-guarani, língua talvez não esperada nesse

71 Note-se, além da variedade de línguas no cardápio, o uso do regionalismo “vina”, amplamente utilizado em Curitiba, por “salsicha” (aparece sob o epígrafe “petiscos”, a 4ª opção oferecida).

âmbito, embora para indicar a fábrica de origem de uma parte da estrutura física de um estabelecimento, e também única categoria em que foi encontrada a Libras (*vid.* figura n.º 7, a seguir). Com cinco encontramos “placas e sinais” e “bazar”. Por sua vez em “bazar” foram registrados cartazes com textos extensos em ideogramas chineses, aparentemente apresentando a mesma informação em português e nessa língua. É de notar que nesses cartazes, o título aparece primeiro em português e depois em chinês mas, seguidamente, o primeiro texto está em ideogramas chineses antes que em português e a mensagem é destacada também pelo uso de um tamanho de letra muito maior do que o empregado para o português (*vid.* figura n.º 8, a seguir).



Figura n.º 6

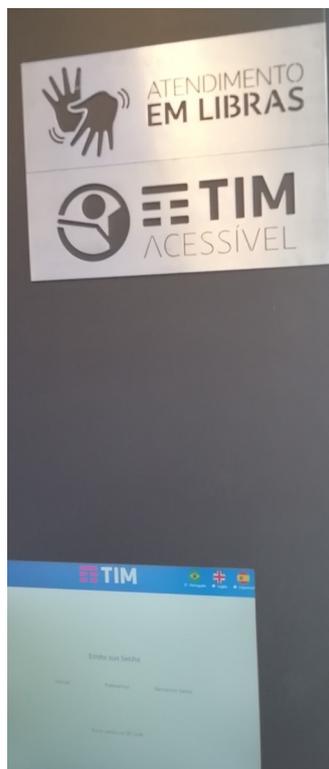


Figura n.º 7



Figura n.º 8

Figura n.º 6: Registro de línguas da família tupi-guarani no setor bancário: banco *Itaú*.

Figura n.º 7: Mensagem sobre atendimento em Libras. Loja de serviços de telefonia TIM.

Figura n.º 8: Cartaz informativo bilíngue português/chinês sobre medidas de higiene em loja de tipo bazar.

Fonte: Nos três casos, fotografias do autor.

Notamos, mais uma vez, que o latim aparece como uma das línguas mais versáteis, pois foi utilizado nas mais diversas categorias, não aparecendo apenas em “eletrônica”, “imóveis” e “palavras”. A família tupi-guarani, por sua vez, apareceu em três grupos de unidades (“restaurantes”, “serviços” e “eletrônica”), o que demonstra que, embora com

pouca presença, há possibilidades para o seu uso em âmbitos comerciais. Menor espaço ainda ocupa a Libras, reduzida à categoria de “eletrônica”. Sem dúvida, há muito esforço ainda a ser dedicado na extensão do seu uso, que implica, dentre outras ações, a formação de trabalhadores para poderem atender o público nessa língua.

Outra informação que gostaríamos de salientar é o uso de cinco línguas na categoria “placas e sinais”, já que, pelo tipo de unidades que a constituem e a sua ligação com administrações públicas, poderíamos esperar talvez um número menor, reduzido ao português e mais uma ou duas línguas alóctones (o inglês e outra). Comprovaremos, mais adiante, quais línguas foram utilizadas e em qual tipo de unidades dessa categoria.

Para comprovar a quantidade de unidades em que uma língua foi utilizada em cada categoria, organizamos os dados na tabela n.º 3, seguidamente. Nela figuram os percentuais de unidades, com relação ao total de cada categoria, em que cada língua foi registrada. As línguas se apresentam organizadas de maior a menor n.º de categorias em que foram encontradas (e, em caso de empate, em ordem alfabética) e as categorias, em ordem alfabética.

	Bazar	Beleza	Eletrônica	Imóveis	Outros serviços	Placas Palavras e sinais	Rouças e complementos	Restaurantes	Serviços	
inglês	62,2	61,5	84,6	17,9	32,1	46,2	11,8	67,7	66,3	39,3
português	100	84,6	92,3	100	96,4	23,1	100	100	97,5	89,3
francês	0	7,7	0	2,6	0	0	5,9	25,8	11,3	7,1
latim	8,1	0	0	0	3,6	0	5,9	3,2	1,3	3,6
espanhol	10,8	0	3,8	0	0	0	5,9	6,5	0	0
italiano	0	7,7	0	2,6	0	0	0	22,6	6,3	0
outras	0	23,1	0	0	0	38,5	0	0	6,3	3,6
alemão	0	0	0	0	0	0	0	6,5	1,3	3,6
família tupi-guarani	0	0	3,8	0	0	0	0	3,2	0	3,6
chinês	2,7	7,7	0	0	0	0	0	0	0	0
holandês	0	7,7	0	0	0	0	0	6,5	0	0
japonês	0	0	3,8	0	0	0	0	3,2	0	0
árabe	0	0	0	0	0	0	0	3,2	0	0
grego antigo	0	7,7	0	0	0	0	0	0	0	0
Libras	0	0	3,8	0	0	0	0	0	0	0

polonês	0	0	0	0	0	0	0	3,2	0	0
russo	0	0	0	0	0	0	0	3,2	0	0

Tabela n.º 3: Línguas e percentual de unidades de cada categoria em que foram utilizadas.

Observamos que, embora presente em todas as categorias, o português não foi utilizado em todas as unidades analisadas, especialmente na categoria “palavras” (23,1%), em que foi superado pelo uso do inglês e de outras línguas, lembrando que se trata de um grupo formado por mensagens em suportes como cartazes, adesivos ou em forma de grafites e pichações, com unidades linguísticas desde letras até pequenos sintagmas, e com conteúdos aparentemente não comerciais e/ou de difícil categorização. Em “serviços” (educação, saúde, bancários, principalmente) e “beleza” o português não alcançou o 90% de unidades, e situou-se no entorno do 92% em “eletrônica”. No resto, alcançou acima do 95% (“outros serviços” e “roupas e complementos”) ou o 100% (“bazar”, “imóveis”, “placas e sinais” e “restaurantes”). Parece, portanto, que na PL analisada há espaços não ocupados pela língua portuguesa.

Por sua vez, o inglês aparece em segunda posição em todas as categorias, menos no caso já apontado de “palavras”, em que foi primeira, como a língua presente em um percentual maior de unidades. Além disso, o inglês consegue bastante distância com relação ao resto de línguas menos em duas oportunidades: em “placas e sinais”, em que latim, francês e espanhol se situaram apenas a seis pontos percentuais do inglês, e em “palavras”, com outras línguas a menos de oito pontos. Os percentuais mais altos alcançados pelo inglês foram em “eletrônica” (84,6%), setor em que —aparte do primeiro lugar em “palavras”— ficou mais perto do português (a menos de 8 pontos percentuais), “roupas”, “restaurantes”, “bazar” e beleza (acima de 60% em cada um deles). Os valores mais baixos corresponderam a “outros serviços” (32,1%), “imóveis” (17,9%) e “placas e sinais” (11,8%), lembrando que esta última é a categoria com mais unidades relacionadas com administrações públicas.

O latim, presente em muitas categorias, como já assinalado, e embora superando ou igualando valores de outras línguas, não alcança percentuais altos de unidades. Destaca em “bazar” (8,1%) e “beleza” (7,7%), seguidos por “placas e sinais” (5,9%). Parece, portanto, que conta com apelo tanto para o setor público quanto para o comercial. Abaixo do 4%

aparece em “serviços” e “outros serviços” e o valor menor foi em “roupas e complementos” (1,3%).

Quanto ao francês, destacamos que alcançou valores bastante relevantes, especialmente em “restaurantes” (25,8%) e em “roupas e complementos” (11,3%). Também parece resultar uma língua atrativa para “beleza” e “serviços”, em que alcançou valores acima do 7%. Não é similar o caso do espanhol, sempre com valores modestos abaixo do 10%, o que parece indicar que não resulta uma língua atrativa em termos comerciais e publicitários, e também não parece ser considerado fundamental incluí-la para melhor atender o público hispanofalante, residente ou turista, inclusive com valores baixos em “restaurantes”, em que poderíamos talvez esperar certa presença. O valor mais alto, o 10,8% alcançado em “bazar”, obedece, principalmente, à publicidade de chicletes em bancas de jornais. Mais uma vez, em relação às ponderações já comentadas sobre população residente, turistas e situação geográfica, consideramos muito escassa a visibilidade do espanhol na PL pesquisada.

O grupo rotulado “outras línguas”, que, insistimos, inclui casos de difícil interpretação como italiano, espanhol e inglês, dentre outras circunstâncias, obteve um alto percentual em “palavras” (38,5%), a categoria com elementos como letras, siglas ou palavras sem uma mensagem claramente identificável e que, portanto, não foi possível relacionar com uma língua concreta. A maior parte dessas unidades foi registrada em adesivos situados em sinais de trânsito, principalmente.

Quanto ao resto de línguas, unicamente o italiano em “restaurantes” alcança valores relevantes (22,6%) e, em certo modo, esperáveis dada a influência daquele país em diversos aspectos relacionados com a culinária em Curitiba, incluindo o gosto pelo vinho e a popularidade do café ao estilo do país transalpino. Nessa categoria, o italiano foi superado só pelo português, o inglês e o francês. De modo geral, as outras línguas aparecem em três categorias ou menos (no maior número de casos, em uma), e com percentuais muito baixos que apontam para ocorrências únicas ou muito esporádicas. Línguas alóctones, como alemão, árabe (*vid.* figura n.º 9, a seguir), holandês, japonês (*vid.* figura n.º 10), polonês e russo, por exemplo aparecem na categoria relacionada com a gastronomia em registros relacionados com marcas comerciais, produtos ou pratos muito conhecidos. O caso do polonês, no entanto, podemos vinculá-lo com a robusta imigração com origem nesse país, já que se tratou de uma marca comercial batizada em homenagem à família do imigrante fundador (*vid.* figura n.º 11).



Figura n.º 9



Figura n.º 10



Figura n.º 11

Figura n.º 9: Línguas alóctones: árabe (alfabeto latino). Padaria e confeitaria Kibe da boca.

Figura n.º 10: Línguas alóctones: japonês (alfabeto latino). Rótulo em fachada.

Figura n.º 11: Uso de línguas alóctones: polonês. Loja de sorvetes *Bapka*.

Fonte: Nos três casos, fotografias do autor.

Salientamos, mais uma vez, o uso da família tupi-guarani em três grupos de unidades diferentes, todos ligados com setores comerciais e de serviços. Os registros coletados, embora únicos, indicam que há espaço para as línguas autóctones na PL estudada e podem ser exemplos para estimular uma maior presença delas. Também únicos, pelas percentuais que apresentam, foram os registros de Libras e de chinês, neste caso em duas categorias.

Seguidamente, analisamos as mensagens exibidas nas diferentes unidades focando no tipo de informação que é apresentada nas diversas línguas diferentes do português. Começaremos apresentando, na tabela n.º 4, os dados correspondentes às unidades com presença de duas ou mais línguas.

	nome da loja ⁷²	marcas e produtos	caraterísticas dos produtos e serviços	formas de contato	métodos de pagamento	serviços de segurança	preços, descontos e promoções	outros ⁷³
alemão	2	1	2	1				
árabe		1						
chinês		1						1
espanhol	1	4	6					

⁷² Situamos aqui o número de unidades que utilizam as línguas mencionadas para denominar a loja, pessoa ou instituição. Em locais fechados ou em aluguel, incluímos nesta categoria tanto o nome da imobiliária que anuncia o espaço quanto nomes de lojas que estejam ainda à vista. A informação aclaratória que em muitos casos acompanha os nomes das lojas explicando o tipo de produtos ou serviços que oferecem, sempre que figure no rótulo da loja em um formato, tamanho ou cores diferentes dos do nome do estabelecimento, será contabilizada nas duas categorias seguintes.

⁷³ Aqui incluímos lemas publicitários, partes da loja, normas (higiene e acesso com animais) e mensagens em adesivos que não podem ser consideradas produtos, serviços, etc. Vale notar que as lojas que permitem a entrada com animais utilizam o inglês *pet* (ex. “aqui seu *pet* é bem-vindo”, O Boticário) e, em caso contrário, o português (ex. “é proibida a entrada de animais [...]”, Cacau Show).

família tupi-guarani	1	1						1
francês	5	15	5					
grego antigo		1						
holandês		2	2					
inglês	77	44	64	18	31	27	17	30
italiano	6	8	2			1		1
japonês	1						1	
latim	1	2	3				1	
Libras				1				
outras	4	2	2					1
polonês	1							
russo		1						
Total unidades	99	83	86	20	31	28	19	34

Tabela n.º 4: Número de unidades multilíngues em que as línguas foram utilizadas no tipo de informação mencionado.

Na tabela anterior resulta evidente a robusta presença do inglês em todas as categorias de informação, sendo a língua mais utilizada com uma grande diferença com respeito às outras. A preferência pela língua de Shakespeare é especialmente marcada nos grupos nome da loja, características de produtos e serviços e marcas e produtos, nessa ordem. Precisamente essas três categorias apresentam a maior variedade de línguas (10, 8 e 13, respetivamente). Parece tratar-se dos aspectos mais importantes para chamar a atenção dos clientes, o que justificaria o amplo leque de opções linguísticas utilizado para oferecer o que é considerado como comercialmente atraente.

No resto dos apartados, sempre com o inglês dominando na quantidade de unidades em que foi utilizado, a variedade de línguas aparece reduzida de forma drástica. Nas formas de pagamento não encontramos nenhuma outra língua, o que passa uma clara mensagem sobre o seu papel hegemónico: o dinheiro, as transações, falam inglês. Apoiando essa afirmação, no grupo sobre preços, descontos, etc., só o japonês e o latim, e ambos com um único registro, acompanham o inglês. A situação é similar quando falamos

das placas das empresas de segurança que prestam serviços nas diversas unidades analisadas na tabela que estamos comentando. Foram contabilizadas 27 ocorrências em inglês, mais uma em italiano. Novamente o inglês parece ser a escolha apropriada para oferecer imagem de segurança.

Das outras línguas presentes na tabela, o francês aparece em 15 unidades na categoria de marcas e produtos. Parece, portanto, manter certo apelo comercial ainda, embora muito distante das cifras do inglês. Em muito menor medida, alguns estabelecimentos escolheram o francês também para os seus nomes comerciais ou para comunicar mais detalhes sobre produtos e serviços. Os dados do italiano resultam bastante baixos e, portanto, não parecem refletir muita influência da forte imigração de italianos no Paraná e em Curitiba. No entanto, aparece em mais categorias do que o francês e o supera minimamente na escolha do nome das lojas. Ainda menores resultam os dados do espanhol, menos em características de produtos e serviços, em que supera levemente os registros de francês e italiano. O alemão e o latim foram utilizados em quatro tipos de informação, com poucas ocorrências ambos. Também em quatro categorias encontramos o grupo de “outras línguas”, 4 registros em nomes de lojas, com casos em que se trata de criar um ar de italianidade, por exemplo, utilizando consonantes duplas, porém escrevendo o termo de forma incorreta (*vid.* figuras n.º 12 e 13, a seguir). Destacamos também a escolha da família tupi-guarani para o nome de um estabelecimento bancário, já comentado (*vid.* figura n.º 6, acima), e o uso já mencionado de ideogramas chineses, que figuram em dois grupos da tabela anterior: em “outros” (*vid.* figura n.º 8, acima) e em “marcas e produtos”, nesse caso em uma publicidade de um produto em que aparecem combinados holandês, inglês, francês e um ideograma chinês (*vid.* figura n.º 14, a continuação).



Figura n.º 12



Figura n.º 13



Figura n.º 14

Figura n.º 12: “Outras línguas”: fotografia da vitrine da loja de roupas *Art Stillo Collection*.

Figura n.º 13: “Outras línguas”: fotografia da vitrine da loja de calçados *Scarpinni*.

Figura n.º 14: Publicidade na vitrine de uma loja O Boticário: holandês, inglês, chinês e francês no produto, português no preço.

Fonte: Nos três casos, fotografias do autor.

Quanto às unidades monolíngues em línguas diferentes do português, unicamente foram registradas a família tupi-guarani, o francês e o inglês. A seguir, na tabela n.º 5, apresentamos o tipo de informação em que foram utilizadas essas três línguas mencionadas.

	nome da loja	marcas e produtos	caraterísticas dos produtos e serviços	formas de contato	métodos de pagamento	serviços de segurança	preços, descontos e promoções	outros
família tupi-guarani	1							
francês			1					
inglês	5	2	2					8

Tabela n.º 5: Número de unidades monolíngues em que as línguas foram utilizadas no tipo de informação mencionado.

Como pode comprovar-se, não foram numerosas as unidades de este tipo, destacando o uso do inglês em quatro dos grupos. No entanto, se adicionarmos os dados das tabelas n.º 4 e 5, obteremos informações significativas, como, por exemplo, que 82 lojas, isto é, o 25,3% do total de unidades (independente, portanto, de serem monolíngues ou multilíngues e de incluírem ou não o português), optaram por um nome em inglês, provavelmente movidos pela crença em um maior atrativo comercial dessa língua. Igualmente, em 66 unidades, 20,3% do total, figura informação sobre produtos e serviços em inglês, e em 46, 14,1% de todas, encontramos marcas e nomes de produtos em inglês.

Em resumo, o fato de numerosas informações aparecerem diretamente em inglês, é indicativo de que, de uma parte, são muitos os termos dessa língua que, embora figurem como palavras estrangeiras no dicionário de português brasileiro de referência da presente pesquisa, resultam de uso comum no dia a dia dos frequentadores do espaço analisado. De outra parte, o inglês domina diversos âmbitos, nomeadamente o tecnológico, o que incide

direta e indiretamente nos dados das últimas duas tabelas apresentadas, seja na terminologia utilizada nas lojas do próprio setor de eletrônica, seja nas informações sobre formas de pagamento e formas de contato, dentre outras, que dependem diretamente da tecnologia.

A seguir, contrastamos nos gráficos n.º 4 e 5 as unidades relacionadas com administrações públicas (signos tradicionalmente denominados *top-down* nos estudos sobre PL) e as vinculadas com empresas, instituições ou indivíduos privados (*bottom-up*). Embora esta divisão tenha sido utilizada para analisar a PL de contextos em que é evidente a presença de várias línguas, seja por existir um bilinguismo ou plurilinguismo oficiais ou *de facto*, seja pela presença notória de grupos com línguas diferentes, consideramos que pode resultar de utilidade especialmente para evidenciar quais línguas são utilizadas nas mensagens exibidas por organismos públicos na PL pesquisada.

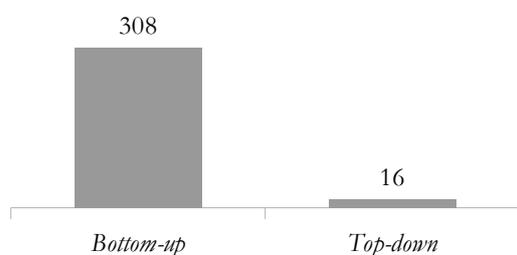


Gráfico n.º 4: Número de unidades

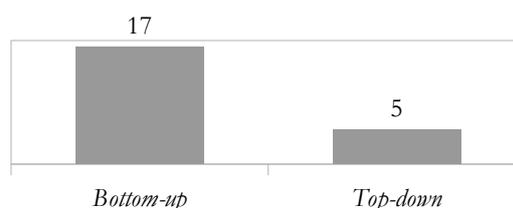


Gráfico n.º 5: Número de línguas nas unidades mencionadas

No gráfico n.º 4 observamos o domínio das unidades do tipo *bottom-up*, o que reflete o caráter eminentemente comercial do espaço objeto da pesquisa. Vale lembrar novamente que as mensagens mais numerosas do tipo *top-down*, os sinais de trânsito e as placas e postes com os nomes das ruas, foram incluídos em duas unidades, respectivamente.

Por sua vez, no gráfico n.º 5 encontramos a grande diversidade registrada no primeiro tipo de unidades frente às cinco línguas presentes nas unidades do tipo *top-down*, que foram: português, francês, latim, inglês e espanhol. Trata-se, nesse segundo tipo, de um número de línguas que supera as expectativas prévias, que considerariam talvez duas ou, no máximo, três (português, inglês e espanhol). Seja como for, os dados confirmam os resultados de outros estudos em que diferem as línguas exibidas em mensagens oficiais e não oficiais, com uma maior liberdade de escolha no caso do segundo tipo. As mensagens *top-down* dependem de forma mais rígida das normativas de uso de línguas correspondentes

e de decisões e escolhas políticas geralmente alinhadas com a língua dominante. No nosso caso, ambos fatores parecem propiciar um uso quase restritivo do português, como veremos a continuação.

A seguir, na tabela n.º 6, analisamos com mais detalhe a composição linguística das mensagens registradas nas unidades *top-down*.

monolíngues em português	bilíngues	bilíngues	bilíngues	Trilíngues
	português + francês	português + inglês	português + latim	português+inglês+espanhol
	1	1	1	1
12	plurilíngues			
	4			

Tabela n.º 6: Composição linguística das unidades *top-down* (n.º máximo = 16).

Observamos que, ao todo, 4 unidades seriam plurilíngues, um 25% do total. O percentual pode parecer abultado, no entanto se olharmos para os textos presentes nas unidades bilíngues, francês, inglês e latim aparecem representados apenas por uma palavra ou sintagma (*art-déco*, *on line* e *urbs*, respectivamente), sendo a unidade trilingue a única planteada com vontade explícita de apresentar a mesma mensagem nas três línguas presentes.

Em detalhe, essa unidade trilingue consiste em um totem informativo que, sob o título “Curta Curitiba” e de responsabilidade do Instituto Municipal de Turismo “Curitiba Turismo”, encontra-se situado em uma parada da linha de ônibus “linha turismo”, que faz um percurso por diversos pontos da cidade, incluindo uma parte do espaço que estamos analisando, nas proximidades da Praça Osório. O objeto apresenta informações diferentes em cada um dos dois lados de que consiste: em uma parte figura um plano da região com dados sobre 16 pontos turísticos destacados e na outra, os dias em que opera a linha, junto com um mapa dela⁷⁴. Em ambos lados, nos textos, o português figura sempre em primeiro lugar, destacado com letras de maior tamanho y em negrito. Embaixo dele, com letras de menor tamanho que o anterior e em itálico (em negrito no título e em letra redonda no

⁷⁴ As informações contidas tanto no plano quanto no mapa da rota da linha, figuram só em português.

resto), aparecem o inglês e o espanhol, nesta ordem, com tamanho de letra igual entre ambas.

Isto posto, as mensagens *top-down* da PL pesquisada não parecem ter sido planejadas, no geral, para atender as necessidades de recetores não lusófonos (moradores ou turistas), exceto no caso apontado da unidade trilingue, como mostra o fato de que as placas comemorativas ou informativas em monumentos e prédios são praticamente todas monolíngues em português. Nesse sentido, a situação do totem trilingue, do lado de um sinal similar aos de trânsito com informação unicamente em português sobre a linha turismo, parece ser a única intervenção na área no sentido de adaptar as unidades *top-down* para não lusofalantes. Nas figuras n.º 15 e 16, a seguir, podem ser contrastadas as dos unidades que estamos comentando, e as de número 17 e 18 ilustram casos de mensagens oficiais monolíngues em português, os majoritários.



Figura n.º 15



Figura n.º 16



Figura n.º 17



Figura n.º 18

Figura n.º 15: Sinal monolíngue em português sobre a linha turismo.

Figura n.º 16: Totem trilingue em português, inglês e espanhol com informação sobre a linha turismo.

Figura n.º 17: Placa monolíngue em português sobre a Confeitaria das Famílias.

Figura n.º 18: Placas monolíngues em português: totem na escultura da Boca Maldita.

Fonte: Nos quatro casos, fotografias do autor.

Seguindo essa linha argumentativa, seria interessante contrastar os dados aqui apresentados com futuras pesquisas focadas em espaços curitibanos claramente transitados pelo turismo internacional ou por comunidades não lusófonas, para verificar se neles unidades *top-down* similares incluem ou não, e em qual medida, línguas diferentes do português.

Ainda sobre as unidades *top-down*, gostaríamos de concluir notando algumas singularidades incluídas nas mensagens:

- A presença do latim foi devida, como já indicado, à palavra *urbs*. Trata-se do nome da entidade de economia mista URBS, Urbanismo de Curitiba S.A., que conta com a Prefeitura Municipal de Curitiba como detentora do 99% do acionariado e que é responsável por mobilidade, transporte e equipamento urbano da cidade. Embora figure como um acrônimo, parece evidente que a escolha das letras que o constituem, e não de outras, foi realizada considerando a palavra latina.
- Em postes com placas indicadoras dos nomes das ruas, há um espaço em que a informação figura também em braile.

A seguir, na figura n.º 19, detalhe de poste com o nome da rua em português e braile e a presença do logo e da palavra *URBS*.



Figura n.º 19: Registro de braile e latim em poste com nome das ruas. Fonte: Fotografia do autor.

- Como pode comprovar-se na figura n.º 20, seguidamente, na placa comemorativa situada no obelisco próximo da Praça Ossório e com data de 1914, é utilizada a forma “Coritiba” para referir-se ao nome da cidade. Em 1919 um decreto municipal oficializou “Curitiba” como nome oficial da cidade, que até então vinha sendo escrito tanto “Curityba”, considerada a forma do tupi-guarani, quanto “Coritiba”, o equivalente português. Posteriormente, de acordo com as normas fixadas pelo Formulário Ortográfico de 1943 da

Academia Brasileira de Letras, o “y” foi substituído pelo “i”, resultando fixada desde então “Curitiba” como grafia oficial⁷⁵.



Figura n.º 20: Registro do nome da cidade na forma “Coritiba”. Placa no obelisco próximo da Pç. Osório.

Fonte: Fotografia do autor.

As mensagens oficiais, em definitiva, respondem ao papel esperado no sentido de contribuir na preservação do status da língua oficial dominante. Portanto, com a única exceção do tótem trilíngue, pensado para os turistas, o português ocupa a prática totalidade dessas mensagens, inclusive nas unidades bilíngues que, como apontado, utilizam apenas uma palavra de outra língua.

5 Conclusão

A PL do Calçadão da XV, a rua comercial mais emblemática de Curitiba, não é uniforme nem 100% monolíngue em português. Pelo contrário, como temos até aqui analisado, trata-se de uma paisagem majoritariamente plurilíngue, já que mais da metade das unidades utilizam duas ou mais línguas nas mensagens que exibem. Especificamente, as categorias de restaurantes, de forma destacada, com um local totalizando nove línguas, e de beleza, são as que apresentam uma maior variedade de línguas. Isto posto, não todas as línguas registradas, 17 no total incluindo o português, ocupam o mesmo espaço nem contam com igual visibilidade, destacando de forma rotunda a presença do inglês em mais da metade das unidades contabilizadas. Além disso, foi notado um 9% de unidades em que o português está ausente.

75 Concretamente, na base II - K, W, Y, parágrafo 9

O papel de língua hegemónica do inglês resultou também confirmado pelo elevado percentual de unidades em que foi utilizado nos setores de eletrônica, principalmente, restaurantes e roupas e complementos. Do mesmo modo, foi a única língua, sem considerar o português, que apareceu em todas as categorias de informação, e em maior número nos nomes de estabelecimentos, com a visibilidade que isso supõe. Adicionalmente, foi a única língua presente na informação sobre formas de pagamento.

As outras línguas mostraram comportamentos diversos quanto ao número de unidades em que foram utilizadas, sempre em um papel secundário com relação ao inglês, com o francês à frente, seguido pelo italiano, o latim e o espanhol. O alemão e o resto, tanto línguas alóctones (holandês, chinês, japonês, árabe, grego antigo, polonês e russo), quanto autóctones (família tupi-guarani) e cooficiais (Libras), apareceram nas mensagens de modo muito pontual, reduzidas, na maior parte dessas línguas, a apenas uma palavra.

À luz do comentado sobre a origem linguística de turistas internacionais e de residentes estrangeiros em Curitiba, e ponderando que o Paraná compartilha fronteiras com dois países hispanofalantes, dentre outros fatores a serem considerados, a presença do espanhol na PL pesquisada pode ser considerada como mínima, sem apenas relevância, já que ficou restrita a uns poucos nomes de produtos e às características deles, com um caso único de nome de loja e com a exceção de um sinal informativo trilingue direcionado para turistas.

Sobre línguas como o alemão, o italiano e o polonês, a possível expectativa de encontrar uma presença considerável devida aos grandes grupos de imigrantes de aqueles países que se instalaram em Curitiba, não foi efetivada. Apenas o italiano obteve valores de baixa —porém alguma— relevância, concretamente na categoria de restaurantes e sendo utilizada em nomes de lojas e de marcas e produtos. O polonês ficou restrito a uma marca comercial e o alemão foi encontrado nas categorias de restaurantes, serviços e roupas.

Por sua vez, o latim mostrou que resulta atrativo do ponto de vista comercial, sendo registrado em seis das dez categorias em que foram classificadas as unidades, especialmente em informações sobre produtos e serviços dos grupos “bazar” e “placas e sinais”, e com valores superiores a muitas das línguas encontradas. Também foi notado como, embora em poucos espaços, as línguas autóctones apareceram em destaque no nome de uma unidade monolíngue do setor serviços, um banco de modo mais específico, constituindo um exemplo da possibilidade de receberem uma visibilidade maior, com

independência do tipo de estabelecimento. A Libras foi registrada ainda em menor quantidade, em uma unidade do tipo não oficial.

Línguas com alfabetos diferentes do latino foram também registradas, tanto no próprio alfabeto, como no caso do chinês, quanto no latino, como o árabe, o grego antigo, o japonês e o russo. Em ambas situações, se tratou de escassas unidades. No caso dos ideogramas chineses, foram utilizados em cartazes bilíngues português-chinês com destaque em posição e tamanho de letra para o texto chinês, e também em uma marca comercial do setor de perfumaria, em que talvez não esperaríamos encontrar essa língua.

Numa última análise, foram confrontadas as unidades *top-down* e *bottom-up*, observando-se uma maior variedade de línguas nas segundas. As mensagens oficiais não ofereceram apenas espaço para outras línguas, menos um caso de sinal trilingue português/inglês/espanhol. Nem as línguas autóctones nem as dos grandes contingentes de imigração de finais do século XIX e inícios do XX foram incluídas, portanto, em unidades governamentais que, desse modo, perpetuam o status dominante e, na prática, a existência única do português nesse tipo de mensagens. Com relação às unidades não oficiais e focando nas línguas diferentes do português, o inglês mostrou um grau de penetração na PL muito alto, com base no seu status de língua internacional e na sua associação com valores como a tecnologia, a moda e a modernidade. Sua avantajada presença posiciona o resto das línguas num papel de subalternidade em que se distribuem de forma desigual pelos poucos espaços não ocupados por aquela.

Finalmente, foram apontadas possíveis futuras pesquisas para contrastar a área objeto do presente trabalho com outras por serem alvo do setor turístico ou por incluírem comunidades de residentes não lusófonos.

6 Referências.

- BACKHAUS, Peter, “Multilingualism in Tokyo: a Look into the Linguistic Landscape”, em GORTER, Durk, ed., *Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism*, Clevedon: Multilingual Matters, 2006, pp. 52-66.
- BEN-RAFAEL, Eliezer, SHOHAMY, Elana, AMARA, Muhammad Hasan, e TRUMPER-HECHT, Nira, “Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: the case of Israel”, em GORTER, Durk, ed., *Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism*, Clevedon: Multilingual Matters, 2006, pp. 7-30.

- BERGER, Isis Ribeiro, e ELSENBACH, Laisla Rafaelly Jardim, “Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística”, *Entrepalavras*, 7 (2), 2017, pp. 433-456.
- BIELENIN-LENCZWOSKA, Karolina, “A paisagem sócio-linguística: a política, a diversidade e a migração no espaço público”, *Forum Linguístico*, 17 (4), 2020, pp. 5275-5291. <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e72231>> [03-06-2022]
- BIELENIN-LENCZWOSKA, Karolina, e COSTA, Luciane Trennephol, “Paisagens sociolinguísticas em comunidades polonesas do interior do Paraná”, *Revista X*, 15 (6), 2020, pp. 129-146.
- BORUSZENCO, Oksana, “Os uranianos”, *Boletim casa Romário Martins*, 23 (113), 1995.
- BOSCHILIA, Roseli, “A Rua 15 e o comércio no início do século”, *Boletim casa Romário Martins*, 22 (108), 1996.
- CENOZ, Jasone, e GORTER, Durk, “Linguistic Landscape and Minority Languages”, em GORTER, Durk, ed., *Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism*, Clevedon: Multilingual Matters, 2006, pp. 67-80.
- CIFFONI, Ana Lúcia, SUTIL, Marcelo Saldanha, e BARACHO, Maria Luiza Gonçalves, “Centro histórico. Espaços do passado e do presente” *Boletim casa Romário Martins*, 30 (130), 2006.
- CHMYZ, Igor, “Arqueologia de Curitiba”, *Boletim informativo da casa Romário Martins*, 21 (105), 1995, pp. 5-54.
- COULMAS, Florian, “Linguistic landscaping and the seed of the public sphere”, em SHOHAMY, Elana, e GORTER, Durk, ed., *Linguistic Landscape. Expanding the Scenery*, New York & London: Routledge, 2009, pp. 13-24.
- DITTICH, Maria Glória, REVORÊDO, José Cláudio dos Santos, OLIVEIRA, Micheline Ramos, RAMOS, Flávio, e GOLEMBIEWSKI, Carlos, “O calçadão de Curitiba: sua história como espaço público social da cidade”, *Revista brasileira de tecnologias sociais*, 2 (2), 2015, pp. 173-184. <<http://dx.doi.org/10.14210/rbts.v2.n2.p173-184>> [03-06-2022]
- EDELMAN, Loulou J., *Linguistic landscapes in the Netherlands: a study of multilingualism in Amsterdam and Friesland*, Utrecht: Ed. LOT, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto, *História sociopolítica da língua portuguesa*, São Paulo: Parábola, 2008.
- FERNANDES, Cláudia Regina Ponciano, “A paisagem linguística e a multimodalidade em fachadas de casas de festas infantis: um diálogo possível”, *Prolíngua*, 4 (2), 2019, pp. 45-59.

- GILES, Howard, BOURHIS, Richard Y., e TAYLOR, Donald M., “Towards a theory of language in ethnic group relations”, em GILES, Howard, ed., *Language, Ethnicity and Intergroup Relations*, London: Academic Press, 1977, pp. 307-348.
- GONÇALVES, Dania Pinto, *Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai*, Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.
- GOMES, Angela de Castro, “Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade”, em Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ed., “Brasil: 500 anos de povoamento”, Rio de Janeiro: 2007, IBGE, pp. 159-177.
- GORTER, Durk, “Introduction: The Study of the Linguistic Landscape as a New Approach to Multilingualism”, em GORTER, Durk, ed., *Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism*, Clevedon: Multilingual Matters, 2006, pp. 1-6.
<<http://dx.doi.org/10.21832/9781853599170-001>> [03-06-2022]
- GORTER, Durk, “Methods and Techniques for Linguistic Landscape Research: About Definitions, Core Issues and Technological Innovations”, em PÜTZ, Martin, e MUNDT, Neele, *Expanding the Linguistic Landscape: Linguistic Diversity, Multimodality and the Use of Space as a Semiotic Resource*, Bristol: Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2018, pp. 38-57.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, *Turismo em números 2021 (Ano-Base: 2016-2020)*, Curitiba: Paraná Turismo, 2021.
<<https://www.paranaturismo.pr.gov.br/Noticia/Pesquisa-anual-sobre-o-turismo-no-Estado>> [19-05-2022]
- GREGORY, Valdir, “Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira”, em Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ed., “Brasil: 500 anos de povoamento”, Rio de Janeiro: 2007, IBGE, pp. 141-157.
- HUEBNER, Thom, “Bangkok’s Linguistic Landscapes: Enviromental Print, Codemixing and Language Change”, em GORTER, Durk, ed., *Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism*, Clevedon: Multilingual Matters, 2006, pp. 31-51.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), *Censo demográfico 2010. Características gerais dos indígenas. Resultados do universo*, Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- ISQUERDO, Aparecida Negri, “Capitais brasileiras: um olhar para a história da cidade e a história do nome”, em CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.*, *Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1. Volume 2*, Londrina: EDUEL, 2014, pp. 11-27.

- JENOVENCIO, Marina, *O espaço das línguas espanhola e inglesa em Florianópolis: um estudo sobre a paisagem linguística dos bairros Canasvieiras e Lagoa da Conceição*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- KANASHIRO, Milena, *Paisagens étnicas em Curitiba: um olhar histórico-espacial em busca de entopia*, Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2006.
- LANDRY, Rodrigue, e BOURHIS, Richard Y., “Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study”, *Journal of Language and Social Psychology*, 16 (1), 1997, pp. 23-49. <<http://dx.doi.org/10.1177/0261927X970161002>> [03-06-2022]
- LECHETA, Michelle, *Paisagem linguística urbana na fronteira: dinâmicas e identidades sociais*, Dissertação de Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2020.
- LEITTOLES, Maicon Lincon, *Permanências e transformações no espaço público. O caso da Rua XV de Novembro em Curitiba*, Dissertação de Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- MACIEL, Laíza Bezerra, “Pichação: uma análise da paisagem linguística no centro da cidade de Manaus”, *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, 14 (2), 2021, pp. 34-54.
- MINISTÉRIO DO TURISMO DO BRASIL, *Anuário estatístico de turismo 2020. Volume 47. Ano base 2019*, Brasília: CGDI/SGE/SE, 2021.
- MORELLO, Rosângela, “Censos nacionais e perspectivas políticas para as línguas brasileiras”, *Revista Brasileira de Estudos da População*, 33 (2), 2016, pp.431-439. <<http://dx.doi.org/10.20947/S0102-30982016a0041>> [03-06-2022]
- MORTARA, Giorgio (dir.), *Estudos sobre as línguas estrangeiras e aborígenes faladas no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Conselho Nacional de Estatística. Estudos de Estatística Teórica e Aplicada. Estatística Cultural nº. 2.*, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.
- NADALIN, Sérgio Odilon, *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações*, Curitiba: SAMP, 2017.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de, *Plurilingüismo no Brasil*, Brasília: Unesco/Ipol, 2008.
- PONS RODRÍGUEZ, Lola, *El paisaje lingüístico de Sevilla. Lengas y variedades en el escenario urbano hispalense*, Sevilla: Diputación de Sevilla, 2012.
- PREFEITURA DE CURITIBA, *Pesquisa de demanda turística em Curitiba 2018. Caracterização e dimensionamento do turismo em Curitiba*, Curitiba: Instituto municipal de Turismo, 2019. <<https://mid-turismo.curitiba.pr.gov.br/2019/9/pdf/00003622.pdf>> [19-05-2022].

- ROCHA, Rafaela Mascarenhas, “Histórico da imigração polonesa na região metropolitana de Curitiba”, *CSONline – Revista eletrônica de Ciências Sociais*, 19, 2015, pp. 52-76. <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17375>> [17-05-22]
- RODRIGUES, Ayrton Dall’Igna, “O nome Curitiba”, *Boletim informativo da casa Romário Martins*, 21 (105), 1995, pp. 225-277.
- RODRIGUES, Luana Ferreira, “Paisagem linguística em contexto fronteiriço: estudo de caso em Tabatinga (BRA) e Leticia (COL)”, *Trama*, 16 (37), 2020, pp. 149-160.
- SANTANA, Nara Maria Carlos de, “Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito”, *Dimensões*, 25, 2010, pp. 235-248.
- SILVA, Izabel da, SANTOS, Maria Elena Pires, e JUNG, Neiva Maria, “Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça”, *Domínios de Lingu@gem*, 10 (4), 2016, pp. 1257-1277. <<http://dx.doi.org/10.14393/DL27-v10n4a2016-4>> [03-06-2022]
- SOARES, Mariana Schuchter, LOMBARDI, Raquel Santos, e SALGADO, Ana Cláudia Peters, “Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva”, *Calidoscópico*, 14 (2), 2016, pp. 209-218. <<http://dx.doi.org/10.4013/cld.2016.142.03>> [03-06-2022]
- TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio, DOS SANTOS HEIDMANN, Grasiela Veloso, e PHILIPPSEN, Neusa Inês, “Nomes de famílias de origem portuguesa e espanhola em lápides do cemitério de Iguatu-PR”, *Domínios de Lingu@gem*, 14 (4), 2020, pp. 1245-1272. <<http://dx.doi.org/10.14393/DL44-v14n4a2020-7>> [03-06-2022]
- TEIS, Denize Terezinha, LUCAS, Patrícia, e SEIDE, Márcia Sipavicius, “Os topônimos na paisagem linguística da Av. Zelina em São Paulo: um encontro na interdisciplinaridade”, *Revista do GELNE*, 20 (2), 2018, pp. 16-29. <<http://dx.doi.org/10.21680/1517-7874.2018v20n2ID14089>> [03-06-2022]
- TORKINGTON, Kate, “Exploring the linguistic landscape: the case of the ‘Golden Triangle’ in the Algarve, Portugal”, em DISNEY, Steve *et al.*, ed., *Papers from the Lancaster University Postgraduate Conference in Linguistics & Language Teaching, Vol. 3: Papers from LAEL PG 2008*, Lancaster: Lancaster University, 2009, pp. 122-145. <<https://www.lancaster.ac.uk/fass/events/laelpgconference/papers/v03/Volume%2003.pdf>> [03-06-2022]
- TREVISAN, Edilberto, *Curitiba na província. Ruas, moradores antigos, exploração de cidadania*, Curitiba: Vicentina, 2000.

- VAN MENDEL, Luk, VANDENBROUCKE, Mieke, e BLACKWOOD, Robert, “Linguistic landscapes”, em GARCÍA, Ofelia, FLORES, Nelson, e SPOTTI, Massimiliano, eds., *The Oxford handbook of language and society*, Oxford: Oxford University Press, 2017, pp. 423–50.
- VANDENBROUCKE, Mieke, *Multilingual Landscapes and Ethnolinguistic Vitality in the Case of Brussels-Capital: An Empirical Study*, Dissertação de Mestrado em Literatura e Linguística: estudos ingleses e escandinavos, Universidade de Gante, 2010.
- VECCHIA, Adriana dalla, “Paisagem linguística como instrumento de políticas linguísticas em uma colônia de imigração suábica/alemã”, *Estudos Linguísticos*, 45 (2), 2016, pp. 638-650. <<http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i2.652>> [03-06-2022]
- VECCHIA, Adriana dalla, e JUNG, Neiva Maria, “Paisagem linguística em um contexto suábico-brasileiro: mobilidade e representação de uma comunidade ‘germânica’”, *Revista da Anpoll*, 40, 2016, pp. 115-128.
- WESTPHALEN, Cecília Maria, “Origens e fundação de Curitiba”, *Boletim informativo da casa Romário Martins*, 21 (105), 1995, pp. 55-106.
- WONS, Lucimara (coord.), *Nosso Bairro: Centro*, Curitiba: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), 2015.